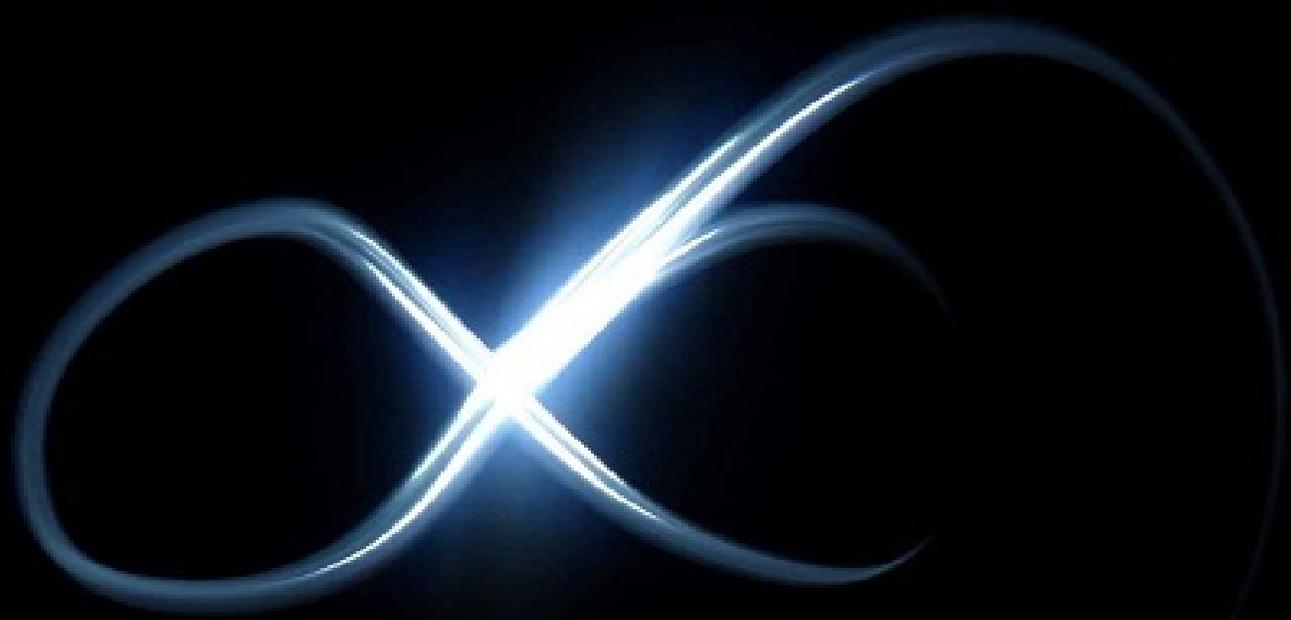


# IMPERMANÊNCIA



DANIEL FRISANO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Copyright © Daniel Frisano 2017

Todos os direitos reservados

Primeira edição - agosto 2017

# IMPERMANÊNCIA

Daniel Frisano

Traduzido por Ricardo Gonçalves

A humanidade descobriu a fórmula da imortalidade: a revisão e a substituição regular dos órgãos e a cópia eletrónica diária de todos os dados cerebrais. Num futuro infinitamente remoto, habitado unicamente por mulheres, a vida flui eterna e serena, aparentemente invulnerável a qualquer possível ameaça. Pelo menos até...

# PRIMEIRA PARTE

Numa manhã de início de inverno, como fazia todos os dias úteis, Baxti-LY estacionou a sua nova moto no lugar reservado e despiu o pesado casaco. Enquanto o guardava no compartimento do bengaleiro, perto da saída do estacionamento da empresa onde trabalhava, viu chegar a amiga e colega Hawiya-MT, que morava ali perto e se deslocava frequentemente a pé para o trabalho.

– Olá, Hawiya – disse Baxti. – Ah, tens olhos novos! – acrescentou, surpreendida.

– Sim, deixei-me levar por este pequeno capricho – respondeu a amiga com uma risadinha.

– Isso nem parece teu: és sempre tão séria! – provocou Baxti enquanto se encaminhavam para os respetivos escritórios. A GraviDyn produzia veículos de sucesso. Rápidos e silenciosos, conseguiam reduzir o consumo de energia ao mínimo, explorando as minúsculas diferenças gravitacionais causadas pela homogeneidade imperfeita da massa terrestre. Hawiya trabalhava no departamento comercial, gerindo clientes em toda a região noroeste, ao passo que Baxti pertencia à divisão científica e tinha como função estudar a possível interferência dos veículos no campo gravitacional do planeta. As duas estavam em diferentes níveis do organograma da empresa e, em teoria, as relações de amizade “desiguais” eram desencorajadas pelo Governo, que fechava no entanto os olhos no caso de pequenas e médias empresas como a GraviDyn, consciente de que as oportunidades para fazer a amizades eram limitadas.

– Ontem foi dia de revisão periódica da caixa craniana, por isso, já que lá estava, pedi para me mudarem os olhos – disse Hawiya. – Sabes, estava um bocado farta de preto. O meu par de olhos antigo teria aguentado pelo menos mais quinze ciclos solares, mas vi estes, cor de avelã, e resolvi experimentar. Posso experimentá-los durante dez dias e, se não gostar deles, devolvê-los e reaver os antigos. Por enquanto acho-os um bocado estranhos, mas talvez me habitue nos próximos dias.

– Ah, é verdade, lembro-me de falares nisto. É estranho, mas faltou outra funcionária no teu departamento, por isso pediram a uma das nossas para substituí-la. Não acontece com muita frequência. Normalmente são bastante bons no planeamento das folgas do pessoal – respondeu Baxti.

– Sim, realmente é raro acontecer. Quem seria ela e por que motivo não terá aparecido? – interrogou-se Hawiya. – A minha ausência não foi de estranhar, está tudo registado. As folgas são rotativas, por isso nunca há mais do que uma pessoa fora por departamento a cada vinte dias. De qualquer forma, não me parece que a GraviDyn vá falir por tão pouco!

Encaminhavam-se ambas para a entrada, juntamente com as outras colegas. Quando chegassem ao

átrio principal, cada uma seguiria por um caminho diferente – Hawiya dirigir-se-ia ao segundo andar, com as outras comerciais, e Baxti ao laboratório de ciências, no terceiro andar.

– Mas podias ter-me lembrado: tive de partilhar a mesa na cantina com aquela chata, nem sei como se chama... aquela nova da administração – disse Baxti em tom acusador. – Mal me viu sozinha, sentou-se e nunca mais me largou. Quando começa a falar, ninguém a cala! Parece um abutre a pairar em torno da presa, não há escapatória possível. Duas raparigas da produção tinham acabado de levantar-se da mesa, por isso apanhou-me completamente indefesa. Começou a arengar sobre a quantidade de folhas de presença que tinha de preencher, ou qualquer coisa desse género, e falou tanto que o almoço até me caiu mal e tive dores de estômago a tarde toda. Para a próxima avisa-me, está bem?

– Desde quando é que tenho de informar-te de tudo o que faço? O registo das folgas do pessoal está lá, à vista de toda a gente: sabias perfeitamente que eu ontem ia estar fora! – replicou Hawiya, a voz traindo um toque involuntário de irritação. Tinham acabado de chegar ao átrio e as palavras de Hawiya ressoaram pelas paredes altas, fazendo com que as cabeças de algumas colegas se virassem.

– Ena, hoje estamos sensíveis! – retorquiu Baxti, surpreendida por aquela saída da amiga, sempre tão reservada que quase parecia compensar a sua própria personalidade mais alegre e exuberante.

– Desculpa, Baxti, não queria levantar a voz – tranquilizou-a Hawiya. – Não dormi bem e estou um pouco nervosa. Não consegui largar o livro a noite passada, por isso estive sentada a ler até tarde.

– Estiveste a ler até muito tarde? Com os teus olhos novos? Sabes que não deves esforça-los nos primeiros dois ou três dias, não sabes? – repreendeu-a Baxti. – Aposto que era um desses livros sobre história antiga em que tens andado tão interessada ultimamente!

– Acertaste – respondeu Hawiya com um sorriso. – Estás a ver? Não preciso de dizer-te nada, conheces-me tão bem! Mas senti realmente ardor nos olhos hoje de manhã, mas passou depressa. Além disso, poso sempre recuperar os antigos!

– Não sei... os olhos cor de avelã ficam-te bem, acho que deves mantê-los – sugeriu Baxti, virando-se para começar a subir as escadas até ao laboratório. – Mas não os trates tão mal! Vemo-nos mais tarde na cantina, se lá estiveres!

– Sim, hoje vou tentar não deixar-te outra vez sozinha com aquela fala-barato. Até logo!

\* \* \*

No seu gabinete, Hawiya informou-se sobre a colega que tinha faltado no dia anterior: trabalhava na receção de pedidos e parecia estar outra vez a faltar. Se acabasse por não aparecer, todo o trabalho

extra que inevitavelmente se acumularia teria de ser distribuído uniformemente entre as colegas de equipa, e todas poderiam dizer adeus à hora de almoço. A pobre Baxti arriscava-se a ser novamente submersa pela verbosidade torrencial da nova colega da administração.

As faltas não planeadas eram raras, embora ocorressem ocasionalmente, quando alguém era transferida para um departamento diferente, por exemplo, ou encontrava emprego noutra lugar e a respetiva substituta ainda não estava pronta – os recursos humanos não eram de todo o departamento mais eficiente da empresa. Acontecimentos como aquele não eram frequentes, mas também não eram impossíveis e, no fundo, serviam para quebrar um pouco a rotina quotidiana.

Bem, chega de divagações, estava na altura de começar a trabalhar nos relatórios das delegadas comerciais do dia anterior e de dar um raspanete àquelas que não estavam a esforçar-se o suficiente. Depois tinha de planear as visitas no terreno; rever o esboço do novo catálogo, em suma, as suas tarefas habituais no escritório. A colega acabou mesmo por não aparecer, por isso, Hawiya teve de trabalhar durante a hora do almoço, introduzindo pedidos e deixando Baxti entregue ao seu destino.

No final do dia tinha outra vez os olhos doridos e estava cansada. Faltou ao treino agendado no ginásio, preparou um jantar leve um pouco mais cedo do que o habitual e foi logo deitar-se para recuperar o sono em atraso, esquecendo para variar os livros de história.

## 2.

– Pronto, tens o direito de estar um bocado zangada – admitiu Hawiya com uma risadinha, ao ver Baxti de cenho franzido a aproximar-se com o tabuleiro, acompanhada por Luxoq, uma colega do departamento científico que almoçava com elas de vez em quando.

– E porque haveria de estar zangada? Chocaste com a minha moto nova no parque de estacionamento? – questionou Baxti.

– Não, não, a tua moto não tem nada que ver com isto, está um dia tão lindo que vim outra vez a pé. Está um clima muito ameno para esta época do ano. Estava a falar de ontem. Todo o departamento teve de ignorar o intervalo para almoço por causa do trabalho extra que tivemos – explicou Hawiya.

– Não te preocupes, no nosso departamento aconteceu o mesmo – informou Baxti. – Por falar em clima ameno, porque não vamos ao jardim apanhar um pouco de ar fresco?

– Boa ideia – dirigiram-se as três às mesas ao ar livre, algumas das quais já tinham sido ocupadas por outras colegas que também queriam desfrutar daquele morno sol de inverno.

– Uma das raparigas do nosso departamento também faltou ontem – prosseguiu Baxti, retomando a conversa. – A nossa especialista dos oscilómetros, que normalmente trabalha sozinha com todos os seus instrumentos. Tivemos de substituí-la e estávamos todas um pouco enferrujadas. Por isso passámos a maior parte da manhã a consultar manuais, porque calibrar aquelas coisas com precisão é uma dor de cabeça para quem não tiver muita prática. Só percebemos como uma colega é importante quando falta. É realmente estranho que tantas tenham faltado nos últimos dias.

– Olhando para o lado positivo, pelo menos tiveram oportunidade de atualizar o vosso conhecimento desses instrumentos: isso pode ser útil, mais cedo ou mais tarde, nunca se sabe! – disse calmamente Hawiya.

– Podiam ao menos avisar-nos com antecedência. Eu podia ter estudado o manual na noite anterior em casa, sem aquele stress todo – exclamou Luxoq. – Espera lá, agora que te vejo à luz do dia... tens olhos novos, não tens?

– Sim, mudei-os anteontem – confirmou Hawiya.

– É verdade, onde é que os foste desencantar? A menos que seja segredo de Estado, claro! – interpelou Baxti, satisfeita por poder falar de assuntos extralaborais.

– Não, não é segredo nenhum! – respondeu Hawiya, muito bem disposta depois de uma boa noite de sono. – Abriram recentemente uma oficina na estrada para S837. Fica a menos de meia hora daqui de moto. A Pywa, uma das treinadoras do meu ginásio, recomendou-a. Usam métodos inovadores para regenerar os tecidos. Imaginem: mudam-nos todo o esqueleto num só dia e depois ficamos apenas dois dias de cama para recuperar, por isso, o processo completo demora três dias, em vez dos habituais cinco, seis ou até mais. E têm sempre produtos novos para oferecer aos clientes. A Pywa aproveitou isso e marcou uma revisão ao sistema digestivo. Mas eles não fazem tudo: pele ou cabelo, por exemplo. Se quiserem, mais logo, quando estiver no escritório, posso enviar-vos a morada e informações mais completas.

– Está bem, obrigada – respondeu Luxoq. – Tenho que recalibrar o meu sistema nervoso no outono, por isso sou capaz de experimentar essa oficina. Não tenho andado completamente satisfeita com a minha oficina. Parece que estão a descansar à sombra dos louros conquistados, se calhar até lhes fazia bem perderem alguns clientes para voltarem a esmerar-se mais.

– A quem o dizes. Não te esqueças de que estou no departamento comercial! – salientou Hawiya, rindo-se. – Importam-se que vá diretamente para o escritório? Gostava de pôr o trabalho atrasado em dia até ao fim da tarde.

– Tudo bem, daqui a pouco também já entramos – respondeu Luxoq.

– A propósito, que tal irmos jantar a minha casa esta noite, nós as três? Podíamos alugar um filme ou fazer outra coisa qualquer – sugeriu Hawiya, levantando-se.

– Esta noite, deixa-me pensar... desculpa, já tenho outro encontro, mas irei com todo o gosto numa próxima vez – afirmou Luxoq.

– Baxti? – perguntou Hawiya.

– Claro, adorava. Mas não muito cedo. Pode ser às oito e meia? – respondeu Baxti.

– Sim, claro. Até logo! – acrescentou Hawiya, voltando para dentro.

– Não continuas obcecada por esse assunto dos homínídeos, pois não – perguntou Baxti, meio divertida, meio exasperada. As duas amigas estavam a conversar depois do jantar em casa de Hawiya. – Não consigo compreender como é que consegues interessar-te pela vida desses animais.

– Mas aí é que está – respondeu Hawiya, pensativa. – Sempre nos referimos a eles como “animais”, mas eram muito semelhantes a nós humanas. Temos assim tanta certeza de que eram animais?

– Que mais poderiam ter sido? Plantas? – Baxti riu-se com vontade, lembrando a Hawiya porque gostava tanto da amiga. Aquela alegria tão sincera e espontânea era enternecedora. Quase perdeu o fio à meada e, com o comentário subsequente, pareceu realmente avançar para outro assunto.

– Já te interrogaste sobre as nossas origens? – perguntou.

– Sim, eu antes morava em B143, em pleno centro e sei que, até há cerca de trinta ciclos, moraste num lugarejo perto de L652 – desta vez, Baxti desabou de lado no sofá, rindo-se descontroladamente da própria piada disparatada. Hawiya esforçou-se por permanecer séria, pois sempre achara contagiante a hilaridade da amiga, mas agora estava a pensar noutra coisa.

– Para de gozar! Estou a falar sobre a Questão das Origens! – prosseguiu Hawiya, tentando retomar a conversa.

– Ei, já percebi isso, OK? – retorquiu a amiga. – A Questão das Origens foi resolvida há muitos anos, se é que alguma vez houve tal questão. Quer dizer, isso das origens não tem fundamento. Nós sempre existimos. O espaço e o tempo são ao mesmo tempo fechados e ilimitados, e juntos constituem uma superfície de quatro dimensões que se fecha em si própria e é perfeitamente visível na quinta dimensão, parecendo perfeitamente definitiva e imutável para um ser de seis dimensões. Tal como nós, seres de quatro dimensões, podemos ver e definir facilmente uma superfície bidimensional fechada e ilimitada, como a superfície de uma esfera. Um ser bidimensional, imóvel e eterno sobre a esfera, não pode vê-la porque lhe falta uma dimensão (duas, na verdade), por isso chama “tempo” a uma das suas duas dimensões e à outra “espaço”, para tornar a sua física mais interessante. Interroga-se de onde vem, no espaço e no tempo, e não consegue compreender que na verdade não vem de lado nenhum: existe, ponto final. Conosco passa-se o mesmo: chamamos “tempo” a uma das nossas quatro dimensões e “espaço” às outras três, e não conseguimos apreciar uma realidade penta-dimensional. Mas basta fazer um pequeno esforço teórico para explicar tudo. A única coisa que ainda não consigo compreender muito bem é quantas dimensões existem, se o seu número é infinito e, em caso afirmativo, se um raciocínio

semelhante pode ser aplicado ao número de dimensões em si, supondo que isso tenha alguma utilidade, embora tudo leve a crer que provavelmente não tenha. Mas todas as humanas o sabem, portanto, porque perguntas?

– Porque não acredito nisso. Para começar, de acordo com os registos oficiais, estamos na Terra porque o nosso planeta original tornou-se inóspito quando a estrela em torno da qual orbitava se aproximava do colapso. Mas não sabemos o seu nome, onde ficava ou se a estrela se transformou numa qualquer anã branca ou noutra coisa qualquer. Não achas isso estranho? – Hawiya virou-se para a amiga com ar interrogativo. Baxti encolheu os ombros: já não era assim tão importante, parecia sugerir, já ninguém se interessava por história, havia muitos outros assuntos para cultivar que eram muito menos aborrecidos.

– Porque é que ninguém se lembra do planeta onde vivíamos antes? – insistiu Hawiya.

– Porque nenhuma de nós está interessada – respondeu a amiga com uma exasperação simulada. – O nosso cérebro tem uma capacidade de armazenamento enorme, embora não infinita, e todas nós preferimos usá-la para outras coisas.

– Isso a mim não me parece plausível – contestou Hawiya. – Consigo compreender que o assunto possa não ser muito popular, mas como é possível que, de todas as centenas de milhões de pessoas no mundo, *nem uma única* esteja interessada em preservar a memória do último planeta em que vivemos antes de nos mudarmos para a Terra? Além disso, sabemos que mesmo a mais pequena transferência intergaláctica, mover, por exemplo, algumas centenas de pessoas, envolve um enorme investimento em energia e materiais. Como conseguimos mover um planeta inteiro? Onde encontramos os recursos para tantos e tão grandes veículos? E o hidrogénio para o combustível? Vais dizer-me que os recursos do universo são praticamente ilimitados, mas então porque é que não os estamos a utilizar para explorar outros planetas? Não temos curiosidade? Há demasiadas perguntas.

– Fico contente por teres sido tu a dizê-lo – interpôs Baxti, lançando-lhe um olhar de soslaio. – Demasiadas perguntas, que não levam a lado nenhum. A nossa existência é demasiado confortável para que queiramos procurar complicações onde não as há. As tuas perguntas são grãos de areia numa engrenagem que funciona às mil maravilhas. Se soprares a areia, a engrenagem continuará a girar – no entanto, Baxti parecia mais empenhada em convencer-se a si própria do que em convencer a amiga.

– Então e os homínídeos? – insistiu novamente Hawiya, voltando ao ponto de partida.

– Que queres que te diga – respondeu Baxti. – Foram responsáveis pela própria extinção, quem sabe há quantos milhares de ciclos solares, ao tornar este planeta inabitável, um estado que persistiu longo tempo depois do seu desaparecimento. A economia deles baseava-se em combustíveis fósseis, o

que mostra como eram imprudentes e primitivos, muito mais parecidos com os animais do que com as humanas. Pouco a pouco, envenenaram o ar, tornando a vida no planeta impossível para si e para muitas outras espécies, algumas das quais foram extintas mesmo antes dos hominídeos. Depois de terem desaparecido, a Terra reparou gradualmente os danos que sofreu, a habitabilidade foi restaurada relativamente depressa e, passado algum tempo, chegámos nós.

– Isso é outra coisa que acho difícil de engolir – disse Hawiya. – Parece-me que os hominídeos não eram assim tão primitivos. Conseguiram expressar-se e comunicar, embora de forma grosseira e rudimentar, e provaram que conseguiam dar algum sentido à sua sociedade, apesar da tendência ocasional que tinham de se atacarem até que uma das duas partes destruísse a outra, ou a segunda se rendesse, submetendo-se à autoridade da primeira.

– Pois, estás a ver? – interrompeu Baxti. – Talvez se tenham aniquilado reciprocamente durante uma dessas... como é que é que se chamavam? Esqueci-me da palavra.

– Guerras – respondeu Hawiya. – Era assim que lhes chamavam. Não sei, é possível, mas através do estudo da história antiga, fiquei com a ideia de que não eram animais, pelo menos não inteiramente. Podemos encontrar muitas afinidades entre a sociedade deles e a nossa.

– Sim, e também com a das formigas! Vivem em grandes cidades como nós, não é? – perguntou Baxti, rindo-se. – No entanto, não deixam de ser animais. Podes encontrar todas as afinidades que quiseres, mas prevalece uma distinção fundamental: enquanto nós somos permanentes, todos os animais deixam de funcionar mais cedo ou mais tarde e têm de continuar a produzir cópias de si próprios se desejam evitar a extinção da sua espécie. Aqueles pobres hominídeos tinham uma vida muito curta, poucas dezenas de milhares de dias no máximo, e estavam constantemente atarefados a tentar reproduzir-se, a sua existência miserável girava em torno dessa necessidade. Sem mencionar as complicações que tiveram que enfrentar devido à diferenciação entre os sexos. Ainda bem que somos permanentes e, acima de tudo, que não precisamos de suportar a presença do *outro* sexo! Os hominídeos masculinos eram irracionais, violentos e belicosos, e a sociedade não podia durar nas mãos desses selvagens, nem poderia evoluir para além do estágio primário em que viviam. Na verdade, acabaram por autodestruir-se.

– Sim, claro. Pelo menos, é o que às vezes vemos nos filmes de ficção científica. No entanto, nos últimos dias, não fiz nada a não ser interrogar-me se a extinção deles aconteceu como sempre pensámos – um véu de tristeza desceu sobre as feições de Hawiya.

– Então, não fiques a matutar nisso. Não suporto ver-te tão melancólica. Vamos falar de coisas mais divertidas – incitou Baxti, erguendo-se e sentando-se na borda do sofá.

– Tens razão, provavelmente estou a deixar-me levar demasiado por esta história – admitiu

Hawiya, pousando a mão na mão de Baxti.

Algum tempo depois, enquanto percorria o caminho que conduzia ao átrio principal da empresa, Baxti vislumbrou, através das grandes portas de vidro, um grupo de colegas envolvidas numa animada discussão à frente do quadro de avisos.

– Olá, Luxoq, que se passa? – perguntou à colega de departamento logo que a viu.

– Novidades importantes, mas não lhes chamaria boas – respondeu Luxoq. – A empresa está a passar por uma reorganização, fundindo alguns departamentos. Vamos passar a fazer parte da produção, ao passo que o departamento comercial vai ser absorvido pela administração. Por enquanto, apenas a armazenagem e a logística permanecerão inalterados, o que não significa que não venham a sofrer o mesmo destino, mais cedo ou mais tarde.

– Bem, que surpresa! – exclamou Baxti. – Os negócios não pareciam estar a correr assim tão mal. Pelo contrário, de acordo com o departamento comercial, o volume de negócios está em alta. Na verdade, talvez até tenhas reparado que se vêm cada vez menos modelos da concorrência por aí. Portanto, porquê estas medidas tão drásticas?

– O comunicado da administração não dá grandes explicações, fala apenas de “reestruturação orgânica”, o que pode significar tudo ou nada – respondeu Luxoq, pensativa. – Julgo que deve ter algo que ver com as faltas repetidas dos últimos tempos. Não consigo pensar em nenhuma outra explicação plausível.

– Talvez tenhas razão. De fato, nos últimos vinte a trinta dias tivemos que estar em todo o lado, a tapar os buracos deixados por uma colega ou outra – disse Baxti, tentando vislumbrar os comunicados por cima das cabeças das colegas. – Diz aqui que receberemos instruções precisas das nossas respetivas chefes de departamento. Bem, só nos resta ir para o laboratório e esperar que a Rhowe nos diga como havemos de fazer. Pressinto que vai ser um período bastante caótico.

– Sim – suspirou Luxoq, juntando-se a Baxti a caminho do laboratório. – Anda, vamos descobrir o que para aí vem, assim não ficamos para aqui na expectativa.

\* \* \*

Conforme o previsto, os dias seguintes no departamento científico foram quase completamente ocupados com atividades relacionadas com a reorganização da empresa, começando pela mudança de

boa parte das ferramentas para uma grande sala no rés-do-chão, anteriormente ocupada pelas linhas de produção dos veículos e agora propositadamente desocupada. Baxti e Luxoq, juntamente com a chefe de departamento e a única colega “científica” restante, assumiram pacientemente a responsabilidade de transferir toda a maquinaria delicada, assim como os computadores e os arquivos, uma operação que demorou três dias inteiros.

Em seguida veio a fase da reciclagem. No âmbito da nova organização, foi pedido ao pessoal do departamento científico que fizesse turnos de três dias no departamento de produção de quinze em quinze dias. Antes disso, claro, precisavam de fazer um curso de atualização sobre a utilização da maquinaria e sobre a gestão da cadeia de produção, dividindo mais cinco dias ao meio entre as suas tarefas normais e a preparação para as novas funções.

Depois, tiveram obviamente de adaptar-se a um novo cronograma, a novas colegas, à necessidade de interromper o trabalho num projeto e retomá-lo quatro dias depois, etc. Foi, de fato, um período difícil para todas as envolvidas. Baxti encontrava-se ocasionalmente com Hawiya, que por sua vez estava atarefada com a fusão entre o departamento comercial e a administração, com o treino das novas colegas nos procedimentos seguidos no seu departamento e com a redistribuição de zonas de competência entre as comerciais, depois de duas delas terem sido chamadas novamente para se ocuparem de tarefas internas, e assim por diante.

Às vezes avistava Hawiya na companhia de uma colega que nunca tinha visto, possivelmente uma ex-comercial. Também as viu sair do trabalho juntas, uma tarde no final do período de transição da empresa.

– Ei, Hawiya! – Baxti chamou a amiga, que estava a aproximar-se do portão com a nova colega.

– Olá, Baxti! Tudo bem? – Hawiya virou-se e saudou-a com um sorriso. – Não nos temos vistos muito nos últimos tempos, andamos todas tão ocupadas com outras coisas. Mas parece que o pior já passou, só temos de adaptar-nos às nossas novas tarefas e ao novo ritmo de trabalho. Como estão a correr as coisas no teu departamento?

– É mais ou menos o mesmo – respondeu Baxti. – Hoje foi o meu terceiro dia inteiro na produção e estou de rastos. Felizmente, amanhã de amanhã volto ao laboratório e fico lá alguns dias seguidos. Vamos acabar por habituar-nos, mais cedo ou mais tarde, penso que não vai ser assim tão difícil.

– É verdade, apresento-te a Ezrat – acrescentou Hawiya, apontando a colega com a cabeça.

– Muito prazer, chamo-me Baxti.

– O prazer é todo meu – respondeu Ezrat, apertando-lhe a mão com cordialidade. – Agora tenho

de despedir-me, o meu autocarro deve estar quase a chegar.

– Até logo – disse Baxti a Ezrat. – É uma das comerciais que agora estão a realizar tarefas internas? – perguntou a Hawiya quando a colega se foi embora.

– Não, Ezrat é nova – respondeu Hawiya. – Nova na empresa e também nesta zona. Mudou-se para aqui perto há pouco tempo; antes disso julgo que morava em F552. Foi destacada para dar entrada de pedidos e geri-los. Ainda bem, precisávamos mesmo de sangue novo, já estávamos nas últimas.

– Parecem dar-se bem – acrescentou Baxti. – Estás ocupada amanhã à noite? Queres ir jantar a minha casa?

– Amanhã? Hum.. acho que não posso – respondeu hesitantemente Hawiya – já tenho uma coisa combinada.

– Ah, não faz mal. Bem, diverte-te. Fica para a próxima. Até logo – retorqui Baxti, dirigindo-se ao parque de estacionamento. Os olhos de Hawiya seguiram-na. Parecia um pouco irritada, ou seria apenas uma impressão?

Hawiya dava-se realmente bem com Ezrat, talvez sobretudo porque era a única que partilhava, pelo menos até certo ponto, a sua curiosidade pelo passado. Era sobre isso que as duas estavam a conversar no regresso a casa de Ezrat depois de terem ido jantar fora.

– Interessas-te mesmo pela história antiga, Ezrat? – perguntou Hawiya – Não é um assunto nada popular e também não é muito bem visto.

– Para ser franca, é uma paixão recente. Nem sei bem porquê, mas comecei a interrogar-me sobre o que aconteceu aos hominídeos – respondeu a amiga. – Quer dizer que todos sabemos que foram extintos, mas acho tão estranho que uma espécie pelo menos semicivilizada se tenha apagado assim, que se tenha entregado ao seu destino, aparentemente sem fazer o mais pequeno esforço para sobreviver.

– Agora estás mesmo a pedi-las! – retorquiu alegremente Hawiya. – Este é o meu assunto preferido e, quando começo a falar nisto, nunca mais me calo.

– Não me importo nada, antes pelo contrário – afirmou Ezrat. – Então, que descobriste até agora?

– Bem, como talvez saibas, os hominídeos – embora biologicamente muito semelhantes a nós e capazes de criar uma estrutura social organizada, provaram ter fortes tendências autodestrutivas, assim como convicções e obsessões inexplicáveis – explicou Hawiya.

– Estou a par das “guerras” deles, como lhes chamavam, e também da sua obsessão com um conceito que designavam por “dinheiro”, embora não compreenda exatamente o que era – comentou Ezrat.

– Ninguém compreende – retomou Hawiya. – Pode ter sido um mineral raro ou outra substância existente na natureza naquele tempo. De certeza que era um recurso escasso, porque, a partir das informações confusas e às vezes contraditórias que reunimos sobre os hominídeos, parece claro que lamentavam constantemente não ter o suficiente dessa substância e que não podiam viver sem ela. Parece que as guerras deles eram causadas em parte por essa necessidade, embora não possamos ter a certeza. Este assunto era certamente uma fonte de grande tensão na sociedade deles. Por mais estranho que possa parecer, outra fonte de tensão e uma possível causa das guerras pode ter sido a diferença da cor da pele. Atribuíam grande importância às tonalidades, o que muitas vezes era uma desculpa para conflitos. Tendiam a agrupar-se pela cor da pele e os grupos nem sempre se davam bem uns com os outros.

– Mas isso não faz sentido – interveio Ezrat. – Muitas espécies animais, e mesmo nós humanas, temos características cromáticas diferentes ou raças diferentes. Porque é que isso haveria de ser uma fonte de ódio?

– Eu sei, não faz realmente sentido – admitiu Hawiya. – Mas, no fundo, não há muito material disponível sobre homínídeos que seja inteiramente fiável e não podemos acreditar em tudo. Às vezes suspeito que algumas informações podem ter sido editadas após a extinção para fazê-los parecer mais selvagens do que realmente eram, porque há aspetos da sua pseudocivilização que acho inexplicáveis. Por exemplo, há registos de guerras simuladas envolvendo a maioria da população nas quais quase ninguém foi morto e onde a violência foi reduzida ao mínimo. Dois minixércitos com uniformes de cores diferentes eram escolhidos para se enfrentarem um ao outro num pequeno campo de batalha, de acordo com certas regras. No campo estavam presentes alguns juízes, encarregados de supervisionar o respeito por essas regras. No final da miniguerra era nomeado o vencedor, mas não me perguntes por que critério.

– E isso era suficiente para dar vazão aos instintos agressivos deles? – perguntou Ezrat.

– Parece que sim, até certo ponto. A maioria dos homínídeos, sobretudo os machos, observava essas miniguerras em pessoa ou remotamente – prosseguiu Hawiya. – Os homínídeos masculinos deixavam-se ficar tão absorvidos por tais atividades, violentas ou não, a ponto de se desinteressarem pelas fêmeas. Preocupadas com a conservação da espécie, as mulheres começaram a experimentar maneiras de produzir bebés sem homens, mas não tiveram muito sucesso.

– Na verdade, extinguiram-se todos – acrescentou Ezrat. – Por causa da segregação dos sexos ou porque queimavam constantemente enormes quantidades de recursos naturais, acabaram por tornar o planeta inabitável e, possivelmente, tornaram-se inférteis como resultado da poluição quase imparável. Ou então por causa dos seus instintos assassinos, ou talvez porque foram submersos ou intoxicadas pelos resíduos que continuaram a produzir em quantidades insustentáveis ou por uma combinação de todos esses fatores. Pelo menos temos conhecimento desta parte.

– Ainda não estou convencida – afirmou Hawiya. – Além de experimentarem novos métodos de reprodução, as fêmeas parecem ter descoberto uma maneira de prolongar as suas vidas, pelo menos para permanecerem férteis durante mais tempo e explorarem as poucas ocasiões de fecundação que lhes restavam.

– Suponho que sim, mas não faz muita diferença – concordou Ezrat, que dava realmente a impressão de saber mais do que dizia. – De acordo com as teorias mais credenciadas, a distância entre os dois sexos cresceu cada vez mais, até geograficamente, devido a migrações lentas, até que cada um se extinguiu sozinho. Talvez isso tenha ocorrido menos rapidamente para as fêmeas, se de fato vivessem mais tempo, porém, em qualquer caso, uma vez perdidas todas as possibilidades de reprodução, a

espécie dos hominídeos, mais cedo ou mais tarde, atingiu o seu fim, acelerado pela utilização imprudente dos combustíveis e pela subsequente saturação do ar com os gases residuais, até ter-se tornado quase impossível viver ao ar livre e os forçou a habitar em cidades subterrâneas. Segregados entre si, com muito poucas oportunidades de interagir diretamente e sem nenhuma possibilidade razoável de reparar os danos causados ao planeta dentro de um período compatível com a duração da sua vida, a extinção foi inevitável.

– Então, passado algum tempo, quis o destino que aparecêssemos nós – acrescentou sarcasticamente Hawiya. – De um planeta de que ninguém se lembra, em veículos desconhecidos, dos quais não permanecem vestígios. Além disso, somos muito semelhantes aos hominídeos, tanto biologicamente como em termos de estrutura social. Até empregamos praticamente os mesmos termos para defini-los a eles e a nós mesmas, “hominídeos” e “humanas”. Não achas estas coincidências suspeitas?

– No fundo, não as considero coincidências – objetou Ezrat. – Os hominídeos eram o produto deste planeta, adaptaram-se biologicamente ao clima e às condições naturais. Se escolhemos a Terra como nossa nova casa é porque ela se adequa à *nossa* própria biologia, então é óbvio que devemos ser semelhantes aos hominídeos. Uma espécie de princípio antrópico transitivo, se quiseres. Se podemos, e realmente escolhermos, viver onde viviam, é precisamente porque somos semelhantes a eles.

– Mas repara, suponhamos que hominídeos femininos tiveram tanto sucesso em prolongar as suas vidas que se tornaram permanentes como nós? Suponhamos que conseguiram evitar a extinção da espécie? Porquê excluir essa possibilidade?

– Sabes muito bem que não foi isso que aconteceu! – argumentou Ezrat com uma risada um pouco forçada. – Se se tivessem tornado permanentes, ainda estariam algures no planeta. Diz lá, já alguma vez viste alguma? Onde é que estão?

– Em toda a parte – respondeu calmamente Hawiya. – Somos nós. Eu, tu, todas nós. Somos hominídeas evoluídas que descobriram a permanência há muitos ciclos solares.

– Não, não, não, de maneira nenhuma! – exclamou Ezrat. – Se assim fosse, então, porque não nos *lembramos* de ter sido hominídeas? Porque é que, pelo menos, não registámos as descobertas e os procedimentos que nos permitiram tornar permanentes?

– Em primeiro lugar, porque aconteceu num passado muito remoto e a nossa memória não consegue certamente chegar tão longe – prosseguiu Hawiya. – Mas, acima de tudo, porque preferimos esquecer, e renunciámos deliberadamente à preservação de documentação tangível. Se tiver sido assim que aconteceu, nem a transição nem o fato de se ter sido testemunha impotente da extinção dos

hominídeos masculinos devem ter sido muito agradáveis. Além disso, se pensares bem no assunto, quem gostaria de recordar-se desse modo de vida, mesmo antes da sua extinção? Se éramos assim, reproduzimo-nos como fazem todos os outros mamíferos e, portanto...

– Para! – exclamou Ezrat. – Já chega. Não consigo conceber de maneira nenhuma que descendamos desses animais.

– Nós não *descendemos* deles – concluiu Hawiya. – Nós *somos* eles. Nós nascemos como hominídeos, crescemos como cresciam as crias deles e como crescem as crias dos animais. Depois, uma vez falhadas todas as tentativas de reprodução, evoluímos, ou pelo menos algumas de nós evoluíram, até nos tornarmos permanentes.

– Acho que vou deitar-me, é tarde e estou a ficar com dor de cabeça – disse bruscamente Ezrat. – Encontramo-nos amanhã na empresa?

– OK, mensagem recebida, vou deixar-te em paz – respondeu Hawiya com um suspiro.

Levantou-se, disse boa noite a Ezrat e saiu. *Pronto*, pensou a caminho de casa, *mais uma pessoa que vai evitar-me como se eu tivesse peste. Mas talvez elas tenham razão. Estou a ficar alienada com isto da história antiga. Devia pura e simplesmente esquecer o assunto, como todas as outras – concentrar-me exclusivamente no trabalho, na televisão, no ginásio, nas compras, nas saídas e nos concertos no meu tempo de lazer – e não me interrogar tanto.*

Naquela noite, Hawiya dormiu outra vez muito pouco.

Por falar em concertos, estava programado um festival de música para alguns dias mais tarde e Ezrat convidou Hawiya para acompanhá-la. A amiga tinha aceitado de bom grado. No escritório, o ritmo de trabalho era novamente mais aceitável, as novas competências tinham sido assimiladas, a frequência das folgas voltou ao normal, e todas ficaram satisfeitas por se poderem permitir uns momentos de lazer.

Hawiya tentara falar com Baxti por telefone, mas a amiga tinha-se mostrado fria e evasiva, e recusara-se a sair com ela. *Deve estar só um pouco stressada*, pensou Hawiya, *tem sido um período difícil para todas nós*.

Os concertos realizavam-se de dia, num grande parque, e à noite seguia-se mais entretenimento, exposições e tomavam-se bebidas no interior. Hawiya conversava com Ezrat antes de uma bebida quente quando viu Baxti a avançar por entre algumas mesas próximas.

– Ei, Baxti! Estamos aqui! – gritou, acenando com o braço. – Não te vi no concerto. Mas... há algum problema? – acrescentou, notando a estranha expressão da amiga.

– Sim, receio que haja – respondeu Baxti sentando-se junto delas. – Quis vir com a Luxoq, mas ela ligou-me esta manhã, muito perturbada: não tinha vontade de sair e, depois do que me contou, eu também não fiquei com muita. Sobretudo depois de termos voltado a falar mais tarde. Acabei por obrigar-me a vir, pelo menos para apanhar um pouco de ar puro e para me distrair um bocado.

– Disseste que a Luxoq estava perturbada? Aconteceu alguma coisa desagradável? – perguntou Hawiya, alarmada.

– Acho que “desagradável” é um eufemismo – respondeu Baxti. – Seja como for, a ideia era a Luxoq ir hoje de manhã buscar a amiga, a Akshoyya – acho que a conheces –, e depois ir buscar-me, para irmos juntas para cá.

– E então? – perguntou Hawiya sem fazer a mais pequena ideia do que estava para vir.

– Ouçam, vou repetir o que ouvi da boca de Luxoq, que estava tão agitada que mal conseguia falar. Chegou a casa da Akshoyya esta manhã, tocou várias vezes à campainha e não obteve resposta. Então tentou telefonar-lhe: nada, o telemóvel estava desligado. Luxoq tinha as chaves, elas são muito chegadas, por isso acabou por decidir entrar. Akshoyya estava na cama, petrificada, sem vida. Luxoq chamou imediatamente uma ambulância e, enquanto esperava, ligou o computador de Akshoyya para ver quando

tinha sido a última vez que a amiga tinha feito uma cópia dos dados cerebrais...

– Mas não se deve tocar em nada! – interveio Hawiya, rompendo o silêncio após a hesitação da amiga. – Isso deve ser feito exclusivamente pelo pessoal clínico e pelas autoridades.

– Na verdade, a Luxoq arrependeu-se imediatamente do que tinha feito, sobretudo porque não havia vestígios de quaisquer dados no computador. Estava vazio, a memória tinha sido completamente apagada. E, agora, a Luxoq tem medo de a poderem culpar.

– Não me parece que corra qualquer perigo – afirmou Ezrat, que ainda não abrira a boca. – Se a Luxoq não mexeu no computador, pode facilmente prova-lo. Está tudo registado na sede provincial, não é? Será fácil localizar a origem da falha.

– Claro, mas isso ainda não foi nada – disse em seguida Baxti, respirando fundo para ganhar coragem. – A ambulância acabou por chegar e levou a Akshoyya ao hospital para os procedimentos de recuperação previstos nos casos muito raros em que uma de nós é encontrada sem vida. Sabem, os que são periodicamente ensinados nos cursos de atualização, ou seja, a reparação ou a substituição dos órgãos defeituosos que tenham provocado a situação, e a reconstrução do mapa cerebral completo a partir da última cópia dos dados guardados no computador de casa ou no provincial. A Luxoq foi para o hospital por iniciativa própria, para saber notícias da Akshoyya e, passado algum tempo, informaram-na... de que não era possível ressuscita-la. Não havia nenhuma cópia dos dados cerebrais dela, nem sequer na sede provincial.

– Mas isso nunca aconteceu! – exclamou Hawiya. – Pelo menos, não consigo lembrar-me de alguma vez ter ouvido nada desse género. Imaginem esquecermo-nos de depositar a nossa cópia periódica na memória da sede provincial: estávamos completamente tramadas! Essas cópias são constantemente monitorizadas quanto à integridade e até fazem uma cópia suplementar, como medida de segurança redundante adicional, embora na verdade nunca sejam utilizadas, porque os casos de pessoas descobertas sem vida ou cujo corpo está totalmente destruído são extremamente raros. E nesses poucos casos, basta-lhes uma cópia do computador de casa, nem precisam de recorrer ao provincial. Mas... quais são as últimas novidades?

– A médica que falou com a Luxoq não tinha mais informações – respondeu Baxti – Ainda deve haver a cópia que o Governo central armazena para todas nós, mas não creio que esteja imediatamente acessível, e a equipa hospitalar não soube ou não quis dar nenhuma informação à Luxoq. Pelo contrário, a Luxoq acabou até por ter de responder às perguntas bastante incisivas da Segurança. Ligou-me há algumas horas, enquanto esperava para ser interrogada, e não soube mais nada dela desde então. Acho que vou para casa tentar ligar-lhe mais uma vez.

– Queres que vamos contigo? – ofereceu-se Ezrat.

– Não, obrigada, não se incomodem, vou sozinha – respondeu Baxti, levantando-se.

Baxti acabou por concordar em deixar Hawiya acompanhá-la, enquanto Ezrat regressou sozinha a casa. Durante a viagem, as duas amigas falaram muito pouco e as suas conjeturas sobre o que podia ter acontecido a Akshoyya chegaram inevitavelmente a um beco sem saída. Acima de tudo, nenhuma delas tinha coragem para expressar a terrível suspeita de que as inesperadas e repetidas faltas registadas nas últimas semanas podiam ser atribuídas a casos semelhantes. Hawiya ofereceu-se para passar a noite em casa de Baxti para fazer-lhe companhia, mas a amiga insistiu que preferia estar sozinha, por isso, Hawiya apanhou um táxi e chegou a casa muito depois de escurecer.

\* \* \*

Só tinha chegado a casa há poucos minutos quando a campainha tocou. *A esta hora?*

– Quem é? – perguntou Hawiya por detrás da porta.

– Sou eu, a Ezrat. Temos de conversar – ouviu responderem do outro lado. A voz era realmente de Ezrat, mas parecia diferente.

– É importante? É bastante tarde e estava prestes a ir deitar-me – protestou Hawiya.

– É, senão não teria vindo incomodar-te. Podes abrir a porta? Está bastante frio aqui fora – prosseguiu a voz diferente de Ezrat. Quando Hawiya abriu a porta foi confrontada por Ezrat e uma pessoa fardada.

– Esta é a agente Ojren-SD, da Segurança. E eu sou oficialmente a Tenente Ezrat-KQ. Agora que já fomos devidamente apresentadas, podemos entrar? – perguntou Ezrat.

– Quer dizer que tu és... mas então... c-claro – balbuciou Hawiya. – Entrem, por favor. Mas não compreendo... é por causa da... vai demorar?

– É melhor sentarmo-nos – prosseguiu Ezrat, que tomou novamente a palavra quando já estavam sentadas na sala de estar. Enquanto Ezrat explicava o motivo da sua presença, Hawiya ouvia, cada vez mais confusa. – Vou tentar ser breve e ir direta ao assunto. Como poderás ou não ter concluído, os casos recentes de pessoas desaparecidas são quase todos semelhantes aos que a Luxoq nos descreveu hoje. Na verdade, todos são praticamente idênticos. Uma pessoa é encontrada sem vida e é impossível recuperar os seus dados, mesmo através dos servidores globais. E, apesar de o Governo estar a investigar o assunto há algum tempo, ainda não surgiu nenhuma explicação ou solução. Escusado será dizer que nenhum

esforço foi poupado na tentativa de encontrar uma solução. Por motivos sobre os quais não quero alongar-me, o Governo acredita que tu, Hawiya, poderias ajudar a resolver o assunto e enviou-me para convencer-te a ajudá-las.

– Eu? E como é que acham que eu poderia... – interveio Hawiya, atónita, deixando a frase inacabada.

– As minhas informações são limitadas, mas o teu possível contributo tem que ver com o teu interesse pela história antiga, de que me falaste extensivamente – explicou Ezrat.

– Quer dizer que... que este tempo todo tens estado a representar para ganhar a minha confiança! – exclamou Hawiya com raiva. – Eu disse-te tudo e tu encorajaste-me. Deixei-me levar... que estúpida que fui!

– O Governo age no interesse da população, e em certos casos pode solicitar o contributo de uma civil considerada adequada – prosseguiu Ezrat, imperturbável. – Agora és considerada adequada e convido-te *vivamente* a acompanhar-me à capital para as entrevistas relevantes.

– Por outras palavras, estão a prender-me – disse Hawiya, deslocando o olhar de Ezrat para a agente, que tinha permanecido sentada, imóvel e com uma expressão indecifrável durante toda a conversa.

– Não estamos a prender-te – respondeu Ezrat. – Apenas as pessoas que cometem um crime são presas e esse não é o caso. Eu disse “convidada” a acompanhar-nos. Não és obrigada a fazê-lo, embora eu pessoalmente te aconselhe a aceitar.

– E se eu recusar? – perguntou Hawiya com um toque de orgulho.

– Se recusares, vamo-nos embora – retorquiu Ezrat, cujo tom era tudo menos tranquilizador. – Mas fica ciente de que foste indefinidamente suspensa do teu trabalho. E tenho a certeza de que reparaste que nos últimos tempos já não és tão popular junto das tuas colegas e amigas.

Era verdade. Recentemente apercebera-se não de uma hostilidade aberta, mas de um distanciamento claro, e não apenas na amizade com Baxti, mas nas relações sociais em geral. Não tinha dado muita importância a isso, ocupada como estava com as novas tarefas no trabalho, e atribuiu principalmente essa atitude ao período stressante que todas estavam a atravessar. Baxti pode ter ficado com ciúmes da nova amizade (falsa) com Ezrat, mas Hawiya não ficara excessivamente preocupada. Baxti era temperamental e às vezes um pouco lunática, mas acabava por passar-lhe.

Mas, naquele ponto, que lhe restava? Um círculo social em que deixara de ser bem-vinda e Ezrat

encontraria sem dúvida maneiras de piorar as coisas. Uma pessoa não se metia com o Governo. E, no fundo, Ezrat era apenas uma agente de patente média: escusado será dizer que, se os pesos pesados da Segurança entrassem em cena, seriam ainda mais persuasivos. Meditou em silêncio durante alguns minutos, talvez um quarto de hora, enquanto as outras não mostravam sinais de impaciência ou de tensão, nem a exortavam a dar uma resposta. Era evidente que tinham sido treinadas para manter a calma ao lidar com tais situações.

– Não estão a obrigar-me, mas não estão a dar-me muita escolha – concluiu por fim Hawiya com um suspiro. – Querem que vá convosco à capital, não é? Bem, quando partiríamos?

– Imediatamente, se quiser – respondeu prontamente a agente Ojren, falando pela primeira vez. Muito astutas. Ezrat concluía com sucesso a pretensa “persuasão”, agora cabia à subordinada tratar dos pormenores práticos.

*Imediatamente?* Hawiya fechou os olhos. *Sim, talvez seja o melhor a fazer. Que outra escolha me resta? Mudar-me para uma nova cidade, começar tudo de novo com um novo emprego e um novo círculo de amigas? Não, não me deixariam. E passaria a ver espias em toda a parte. Que nova vida seria essa? Ou então ficar aqui e esperar que tudo volte ao que era antes? Ainda mais improvável.*

– Posso tomar um duche? Fazer uma mala? – acabou por perguntar, dirigindo-se a Ojren.

– Pode demorar o tempo que quiser a refrescar-se – respondeu a agente. – Quanto à bagagem, pode trazer o que quiser, mas na verdade não é necessário. Receberá tudo o que precisa, incluindo roupa ao seu gosto. Esperamos lá fora, no carro. Depois levamo-la ao aeroporto e, a partir daí, vamos diretamente para a capital.

Nem sequer lhe deram um limite de tempo para arranjar-se: meia hora, uma hora, nada. Esperariam no carro, durante horas, um dia inteiro ou mais. Haveria *sempre* alguma lá fora à espera no carro – era assim que o Governo agia. Hawiya levantou-se e acompanhou-as à saída. Entregou-se a um longo duche fumegante e depois preparou um saco de viagem com alguma roupa e o habitual conjunto de viagem. Acabou por deixar tudo no quarto, saindo sem nada, nem sequer o telemóvel.

Quando estava a poucos passos do carro da Segurança, a agente saiu e abriu-lhe a porta. Hawiya sentou-se, o carro arrancou e ninguém abriu a boca até chegarem ao aeroporto. Não era necessário. O silêncio foi quebrado apenas por Ezrat, que minutos antes de chegarem ao destino, alertou as guardas pelo rádio. Tendo passado um rápido controlo visual num portão de entrada, estacionaram ao lado de um avião que estava pronto a partir.

Hawiya embarcou, seguiu as instruções da tripulação, sentou-se, fechou os olhos e adormeceu profundamente. Nem sequer sentiu a descolagem.



## SEGUNDA PARTE

Hawiya foi despertada por pequenos movimentos do assento, que oscilou muito suavemente de início, depois com intensidade crescente. Uma hospedeira informou educadamente que não tardariam a chegar. Depois de o avião ter aterrado, foi acompanhada à escada. Ao fundo esperavam-na duas agentes da Segurança, uma das quais lhe fez sinal para que a acompanhasse e a outra seguiu na sua pegada. Falar era desnecessário. Na verdade, depois de sair de casa sentiu que quase perdera até a capacidade de pensar. Durante o trajeto até ao aeroporto, o silêncio tinha sido quase total, à sua volta e dentro de si, depois dormira toda a viagem e agora, mais uma vez, o silêncio prevalecia, à sua volta e dentro de si.

Enquanto o carro da Segurança percorria as amplas avenidas da capital, a mente de Hawiya começava gradualmente a funcionar de novo. Que horas seriam? O sol estava baixo, portanto podiam estar no início da manhã ou no final da tarde. Se calhar tinha sido presa – quer dizer, “convidada a acompanhá-las” – por volta da meia-noite. A viagem de carro até ao aeroporto demorava menos de uma hora e um voo comercial para a capital levava cinco ou seis horas, embora aquele voo especial deva ter sido um pouco mais rápido. Mais duas horas e meia por causa do fuso horário diferente: sim, devia ser final da tarde.

– Que horas são? Para onde vamos? – perguntou finalmente.

– Sete e oitenta e um – respondeu uma das agentes. – Vamos levá-la ao alojamento preparado para si. Estaremos lá antes das oito. Vai ser acompanhada ao seu quarto e terá tempo para refrescar-se. Tem uma entrevista às oito e setenta e cinco com a presidente e algumas funcionárias. A partir das oito e sessenta, duas agentes esperá-la-ão à porta do seu alojamento. Fica a menos de cinco minutos a pé da sala de reuniões onde a entrevista será realizada.

*A presidente? A presidente de quê?* – estava prestes a perguntar Hawiya, mas depois conteve-se. Não pediu mais informações e nenhuma lhe foi voluntariamente fornecida.

O alojamento estava imaculado e, como fora prometido, continha tudo aquilo de que precisava, incluindo roupa em abundância. Tomou um duche, mudou de roupa e seguiu as duas agentes da Segurança, que a conduziram a um edifício de aparência anónima, cercado por caminhos e jardins impecavelmente cuidados.

Subiram ao primeiro andar e foi escoltada até à sala de espera. Poucos minutos depois foi convidada a segui-las até ao final de um corredor. As trocas verbais foram reduzidas ao mínimo. As agentes da Seguranças abriram a porta e indicaram-lhe uma cadeira diante de uma grande mesa oval.

Já estavam cinco pessoas sentadas à mesa. Ao centro estava nem mais nem menos do que a Presidente do Governo, à sua direita estava a Diretora da Segurança, Suwun-IV, que frequentemente aparecia nos noticiários e nos comunicados do Governo. Ao seu lado, na extremidade esquerda do semicírculo, estava Ezrat, aparentemente absorta numa pilha de documentos que tinha à sua frente. A Presidente parecia descontraída. Usava um vestido em tons de amarelo ocre, mais vivo e colorido do que aqueles que normalmente exibia, pelo menos quando era vista nos noticiários. Será que se vestia sempre assim quando não estava frente às câmaras? Ou tinha escolhido deliberadamente aquelas tonalidades para alegrar uma atmosfera que de outra forma seria completamente sombria?

A Diretora Suwun e Ezrat usavam as fardas cinzento-esverdeadas habituais das agentes da Segurança, uma quarta pessoa estava anonimamente vestida em tons desmaiados de cinzento e castanho e uma quinta usava uma espécie de farda branca debruada a azul. Nenhuma das mulheres sorria. Hawiya continuava a interrogar-se sobre a identidade das duas desconhecidas. Só podiam ser VIP, dadas as circunstâncias. Fosse como fosse, de nada adiantava matar o cérebro, provavelmente não tardaria a descobrir quem eram e o que queriam dela.

A Presidente falou primeiro. – Obrigada por ter vindo, Cidadã Hawiya-MT.

*Obrigada um raio, como se eu tivesse outra escolha. Como se pudesse ter ficado lá fora deitada na relva a cheirar margaridas!* Hawiya quase reventou a rir ao imaginar aquela cena enquanto algumas daquelas que eram possivelmente as pessoas mais poderosas do mundo esperavam impacientemente que se dignasse a aparecer. Por um momento pensou, com alguma nostalgia, nos tempos em que conseguia dar-se ao luxo de passar umas poucas horas numa doce ociosidade, em todos aqueles belos dias tranquilos antes de todo aquele absurdo ter começado, e perguntou a si própria se... *bolas, eu para aqui a pensar nestas parvoíces enquanto a Presidente continua a falar! Boa, agora perdi o início do discurso dela!*

– ... de Medicina, a doutora Zoun-LH – dizia a Presidente, indicando a pessoa vestida de branco sentada à direita. Tinha obviamente acabado de apresentar as participantes e obviamente que Hawiya, absorvida nos seus pensamentos, tinha perdido tudo. Bem, pelo menos uma delas tinha algo que ver com medicina, nem todos pertenciam à Segurança ou ao Governo. Devia ser diretora de uma instituição importante, ou talvez uma consultora do Governo para questões médicas. Até podia ser a própria Diretora do Departamento de Saúde.

– Diretora Suwun-IV, pode tomar a palavra – concluiu a Presidente.

– Os documentos em nossa posse contêm a lista dos seus acessos à Biblioteca Central de História nos últimos cento e dezanove dias – começou a dizer a Diretora da Segurança, apontando para a pilha de papéis à frente de Ezrat. – A lista fornece pormenorizadamente os títulos dos documentos consultados e

descarregados, e a análise ao seu computador confirma o acesso repetido a determinadas seções e permitiu ver as notas que a Hawiya tirou. Ao examinar esses dados com a ajuda das nossas especialistas do Departamento de Psicologia, podemos formar uma ideia bastante precisa das suas atividades e reconstruir os seus percursos mentais de forma extremamente fiel.

– Desculpe, Diretora, mas não consigo ver mal nenhum em nada disso – replicou Hawiya num tom talvez mais severo do que o que seria correto. A ideia de que pudessem ler-lhe a mente, reconstruindo simplesmente todos os documentos que abrira e todas as teclas em que carregara no computador de casa era desconcertante. No entanto, pensando melhor, nada poderia ser mais fácil e todas sabiam que os computadores privados enviavam continuamente informações à base de dados do Governo, mesmo que depois ninguém parecesse importar-se particularmente com essas informações. Afinal, quase ninguém cometia nenhum crime, nem sequer fazia nada particularmente embaraçoso. Num mundo que não tinha espaço para hábitos excessivamente extravagantes, não havia no fundo verdadeira privacidade. – A história antiga é, ou melhor, tornou-se recentemente, o meu passatempo, e o acesso e a Biblioteca é acessível ao público, não fiz...

– É verdade, isso não tem nada de mal – prosseguiu Suwun, levantando ligeira mas perceptivelmente a voz para indicar que a interrupção de Hawiya não caíra muito bem. – Mas também não tem nada de bom. No fundo, a opinião pública considera que grande parte da história não passa de contos de fadas sem sentido. Aos olhos da cidadã comum, nem sequer é claro onde essa literatura estapafúrdia foi desencantada, que apenas preservamos porque, por estranho que pareça, é mais fantasiosa e emocionante do que o material que os modernos computadores escritores criam, além de ser um excelente material para ficção científica de terceira categoria e filmes ligeiros. Porém, se uma pessoa se embrenhar demasiadamente na história pode perder a capacidade de distinguir o real do ridículo, e ficar com ideias estranhas na cabeça.

Suwun interrompeu-se por um momento, sem tirar os olhos de Hawiya. As outras esperavam em silêncio, palpavelmente aliviadas por a Diretora continuar em posse da palavra, um sinal claro de que o assunto era incómodo.

– Como eu dizia, Cidadã Hawiya-MT, conseguimos reconstruir os seus processos mentais e reproduzir as ideias que teve com bastante precisão. Para ser franca, esse processo de reconstrução era supérfluo, pois bastavam as teorias bizarras que espalhou de forma descuidada aos quatro ventos e que podemos definir como...

Hawiya não conseguiu abster-se de lançar um olhar de relance a Ezrat, aparentemente ainda embrenhada nos seus documentos. Sentiu-se novamente traída e replicou a Suwun num tom ainda mais irritado e que bordejava perigosamente a irreverência. – E então? Quer dizer que não tenho liberdade para ter as minhas opiniões nem para expressá-las como e quando me apetece? É um dos direitos

fundamentais da população, não é? Diga-me a senhora, já que é...

– Por favor, Cidadã Hawiya-MT – interveio a Presidente precisamente no momento certo, a voz com a modulação exata necessária a acalmar a crescente irritação de Hawiya. Apesar da indignação, Hawiya não podia deixar de admirar como aquela mulher, a autoridade suprema na Terra, era ao que parecia suficientemente humilde para dizer “por favor”, de modo a acalmá-la, em vez de impor-lhe silêncio, e ao mesmo tempo dar a impressão de que estava sempre no comando. Bem, devia haver um motivo para estar naquela posição. A impressão que dava de conseguir adotar a conduta mais adequada e de empregar as palavras e o tom de voz mais eficazes em qualquer situação era uma das qualidades que mantinham a Presidente no seu cargo.

– Desculpe, Presidente, não quis faltar ao respeito a ninguém – balbuciou Hawiya, esforçando-se ao máximo para olhar em frente. – É que me senti atacada no meu...

– Compreendo, mas acredite, não estamos a acusá-la de nada – prosseguiu a Presidente, com uma breve pausa que parecia propositada para dar a entender *pelo menos por enquanto*. – Asseguro-lhe que é do seu interesse deixar a Diretora Suwun-IV continuar. Verá que vai acabar por concordar comigo – desta vez, Hawiya limitou-se a assentir sem abrir a boca.

– ... estranhas, no mínimo – prosseguiu Suwun, ainda olhando fixamente para Hawiya e retomando exatamente o discurso onde o interrompera. *Onde é que íamos? Ah, sim, a Diretora estava a falar das minhas ideias*. – Normalmente, essas histórias rebuscadas caem no vazio e esmorecem gradualmente, como merecem. Mas neste caso vingaram parcialmente, talvez favorecidas pela ansiedade geral causada pelos acontecimentos recentes. Num momento tão delicado, não podemos permitir-nos que tais rumores circulem, pois têm o potencial de desestabilizar a nossa estrutura social. É nosso dever proteger a população contra a mais pequena ameaça de infeção ideológica.

– Desculpe, mas se a história não passa de um absurdo, de material para filmes, como lhe chamou, que danos pode provocar? – interrompeu novamente Hawiya, incapaz, apesar da anterior intervenção da Presidente, de conter-se por mais tempo. Desta vez nem sequer estava irritada, apenas sinceramente surpreendida por as suas teorias poderem provocar tal reação. No fundo, não passava de uma gestora de nível médio, como tantas outras, numa empresa vulgar e numa cidade vulgar. Não era certamente uma *opinion maker* capaz de arrastar consigo massas enfurecidas. Mas a reação de Suwun deixou todas petrificadas. Até Ezrat ergueu a cabeça de repente.

– Porque não é um absurdo, sua idiota! – explodiu Suwun, tombando a cadeira ao levantar-se e batendo ruidosamente com as palmas das mãos no tampo da mesa. Quase berrou com Hawiya. Parecia prestes a subir para a mesa e saltar sobre ela, e nenhuma das presentes parecia capaz de detê-la ou mesmo inclinada a fazê-lo. Mas a fúria cessou escassos segundos depois; Suwun respirou fundo várias

vezes, virou-se para erguer a cadeira tombada, endireitou-se e recuperou a compostura. Prosseguiu com a enunciação precisa habitual, embora as paredes ainda reverberassem com a explosão recente.

– Por mais estranhas que pareçam, as suas ideias têm sólidas bases históricas. Professora Jofshae-ER, queira continuar, por favor – convidou Suwun, fazendo sinal com a cabeça na direção da única participante ainda não identificada, sentada na extremidade direita do semicírculo. A mulher aproveitou sem demoras a oportunidade de intervir, evidentemente entusiasmada com a ideia de poder falar na presença de um público tão prestigiado e disposto a escutá-la com atenção. *Uma especialista em história?* – interrogou-se Hawiya.

– De acordo com a nossa reconstrução, somos realmente as hominídeas que conseguiram evitar a extinção, tal como você suspeitava – começou por afirmar Jofshae. – Extinção ou impermanência. Na verdade, os hominídeos chamavam-lhe “morte”. Obviamente que temos muitos dados a suportar esta teoria. A partir dos fósseis que encontrámos, conseguimos estabelecer que as hominídeas tentaram tornar-se permanentes, ou pelo menos prolongar a sua existência, implantando órgãos artificiais quando os seus próprios órgãos biológicos originais deixavam de funcionar. Vários restos mortais foram encontrados com corações ou pulmões artificiais, assim como com outros implantes sintéticos em partes menos vitais mas mais visíveis do corpo, presumivelmente destinados a despertar o interesse sexual nos hominídeos masculinos, então absorvidos em atividades não relacionadas com as fêmeas. Agora sabemos perfeitamente que a implantação de órgãos internos artificiais não produz resultados satisfatórios a longo prazo e que a única abordagem viável é a nossa: cultivar, aperfeiçoar e personalizar órgãos biológicos em laboratório e implantá-los depois durante as revisões regulares. A sua hipótese de migrações geográficas também estava correta, embora não tivessem certamente ocorrido êxodos em massa. Em vez disso houve mudanças lentas que ocorreram durante gerações inteiras, tendo sido depois concluídas mais à pressa quando a humanidade foi forçada a mudar-se para as cidades subterrâneas, depois de ter tornado o ar definitivamente irrespirável. Os dois sexos tinham cada vez menos em comum, a começar pela duração da vida, que aumentava cada vez mais para as fêmeas, permanecendo inalterada (e extremamente curta) para os machos. Não é muito claro o motivo de os machos mostrarem tal falta de interesse, se não pela procriação, pelo menos em prolongar a sua existência. Seja como for, os machos ficaram cada vez mais isolados. Os poucos casais que ainda se reproduziam tenderam a gravitar espontaneamente em torno de um dos dois grupos, dependendo do sexo da sua prole, mas as procriações tornaram-se progressivamente menos frequentes. Pouco a pouco, cessaram completamente, os machos inevitavelmente extinguíram-se, e as fêmeas que tinham encontrado uma forma de se tornarem permanentes tornaram-se... nós. Com o passar do tempo aprendemos a reconverter a nossa economia com base em recursos energéticos completamente renováveis e não poluentes, continuámos a viver no subsolo, aguardando pacientemente que os mecanismos de autorreparação do planeta completassem o seu curso e depois voltámos lentamente à superfície. Uma vez restaurada a civilização, optámos por esquecer o nosso passado como hominídeas e acreditar em vez disso que viemos de outro planeta: uma convicção que mantivemos até hoje. Talvez seja uma conduta questionável do ponto de vista histórico, mas sem dúvida

compreensível perante as circunstâncias. Todas estas informações foram primeiro deliberadamente postas de lado e depois voltaram muito lentamente a surgir, embora a sua difusão sempre tenha sido... hum... desencorajada pelos órgãos oficiais. Quanto ao tempo que passou desde a extinção dos últimos hominídeos masculinos, as estimativas mais confiáveis falam em algumas dezenas de...

– Como já terá percebido – interpôs Suwun, para evitar que o discurso descarrilasse –, o seu tiro no escuro atingiu em cheio um alvo que com facilidade podia explodir violentamente e destruir o equilíbrio de nossa civilização. Se passasse a ser do domínio público que descend... que somos hominídeas evoluídas, algumas pessoas começariam a perguntar-se se não seria preferível voltar a esses tempos e partilhar o planeta com o outro sexo. As mais imaginativas podiam até chegar ao ponto de acusar o Governo de ter provocado deliberadamente a extinção de hominídeos masculinos, ou pelo menos de os ter empurrado nessa direção. Não sou especialista em assuntos jurídicos, mas acredito que não deve ser muito difícil incriminá-la por atividades subversivas, pelo menos ao nível da negligência grave. Se puder ser provado que houve dolo, poderia até ser acusada de alta traição contra a humanidade, o que normalmente é punido com a pena máxima.

Instalou-se um silêncio de morte e a temperatura pareceu descer vários graus. Hawiya sentiu o sangue gelar. A julgar pelas expressões, as outras ficaram igualmente consternadas, apesar de quase certamente terem sabido de antemão qual seria a conclusão do discurso de Suwun. Até a voz da Diretora tinha falhado um pouco ao pronunciar aquelas palavras graves.

A pena máxima era o ostracismo absoluto, embora ninguém lhe chamasse assim. Das raras vezes que o ostracismo era referido, empregavam-se sempre eufemismos como “pena máxima”, “sentença definitiva” e outros. A pena resumia-se ao isolamento completo e permanente da sociedade, de qualquer atividade pública, comunicação ou interação humana. A condenada continuava a viver na própria casa e podia movimentar-se livremente, mas era vigiada quase sem cessar e não era permitido conversar ou manter qualquer outra forma de contato com outras humanas. Era obrigada a usar constantemente duas pulseiras de um laranja muito chamativo que indicavam claramente o seu estatuto e ninguém sonhava em trocar uma palavra que fosse com ela, em olhar-lhe sequer de relance para a cara ou em dar qualquer indicação de ter reparado na sua presença. Reservada àquelas que cometiam os piores crimes – sabotagem, incitamento a tumultos, alta traição –, esta pena era extremamente rara e tornava a vida insuportável. As poucas pessoas condenadas não tardavam a decidir voluntariamente nunca mais sair de casa. Em pouco tempo eram esquecidas e acabavam a viver num vazio infinito e total. Os únicos contatos que lhes eram permitidos eram os estritamente relacionados com os cuidados de saúde, a revisão periódica e a substituição de órgãos, e mesmo esses eram realizados sob a supervisão de alguma agente do Departamento de Segurança, para garantir que a interação humana fosse restringida ao mínimo. Tornavam-se não-seres.

Portanto, os seus piores receios tinham fundamento. Desta vez tinha metido a pata na poça e estava

prestes a pagar por isso. *Mas espera lá, se queriam incriminar-me, porque não o fizeram? Porquê toda esta farsa, esta reunião absurda? Acima de tudo, porquê perturbar tanta gente importante, inclusivamente a Presidente?*

O silêncio gelado que descera após a terrível ameaça foi logo quebrado pela própria Presidente. – Cidadã Hawiya-MT, acredito que esteja consciente da gravidade da sua situação. A Diretora Suwun-IV foi clara e as suas palavras refletem exatamente o nosso ponto de vista. O crime que cometeu e as informações que divulgou descuidadamente poderiam ter consequências catastróficas sobre a disposição da população, já abalada pelos acontecimentos recentes. A única forma razoável de recuperar a nossa benevolência seria prestar à humanidade um serviço de tal valor que compensasse os potenciais danos causados.

*Força, acaba lá com isto. Sabes perfeitamente que, no ponto em que as coisas estão, estou disposta a tudo, pensou Hawiya. Podiam ter-me dito isso imediatamente: é óbvio que não posso dar-me ao luxo de recusar.*

– Felizmente para si, há uma saída – prosseguiu a Presidente. – De acordo com a Dra. Zoun-LH, você pode ajudar-nos a resolver o problema crítico que aflige a população mundial há algumas centenas de dias. Podemos ter encontrado uma solução possível: ninguém sabe ao certo se e como funcionará, nem quais as possíveis consequências, porém, na ausência de alternativas válidas, é o caminho que devemos seguir. Se isso não nos levar a lado nenhum, paciência, não ficaremos pior do que estamos agora. Tem a palavra, Dra. Zoun-LH.

A Presidente voltou-se para a especialista em medicina, ou o que quer que fosse aquela mulher, a única pessoa que ainda não falara. E, quando falou, não esteve com rodeios. – Tudo o que precisa de fazer é voluntariar-se para um determinado projeto, Cidadã Hawiya-MT.

Ao ouvir estas palavras, o primeiro pensamento de Hawiya foi que queriam usá-la como cobaia e arrastá-la por onde quer que se tivessem manifestado casos de impermanência, ou então que tinham isolado o vírus e queriam inoculá-la diretamente, e depois observar como a doença evoluía. Perguntou a si própria o que seria pior, aquilo ou o ostracismo absoluto. Este último era um pesadelo sem fim, mas ninguém sabia realmente o que era a impermanência. *Como raio posso escolher?* Em pânico, Hawiya disse de uma assentada: – Não sei, não tenho a certeza de querer fazê-lo, tenho medo, ninguém sabe como o vírus nos atinge, ou melhor, se existe realmente um vírus. E que acontecerá ao meu corpo? Se me tornar impermanente, que sentirei, e que acontecerá depois? Como vou recuperar a permanência? Talvez devêssemos primeiro...

– ... pare, pare, espere, Cidadã Hawiya-MT – interrompeu Zoun com um meio sorriso, quase divertida perante a candura daquela tirada. – Ninguém mencionou nenhum vírus e nem sequer temos a

certeza de que esteja realmente envolvido um vírus. As causas desta impermanência ainda são desconhecidas, só temos conjeturas.

– Mas então eu estaria a voluntariar-me para... – começou a dizer Hawiya, detendo-se logo abruptamente ao compreender. Os acontecimentos recentes podiam conduzir a uma única conclusão lógica. Interrogou-se porque é que isso não lhe ocorrera antes e uma profunda e intensa sensação de calor surgiu dentro dela, uma onda de medo, esperança, espanto e maravilha. E de sabedoria antiga.

– Sabes exatamente para quê – cortou secamente Ezrat, pondo de lado os documentos que fingira estar a consultar. – Precisamos de alguém e tu és adequada.

*Sim, ela tem razão, sei exatamente para que vou voluntariar-me,* pensou Hawiya.

– Sente-se, Cidadã Hawiya-MT – disse Zoun-LH, indicando a cadeira do outro lado da secretária do consultório. – Acho que devíamos começar a tratar-nos por tu, se não te importares, visto que vamos estar em contato direto durante várias centenas de dias.

– Obrigada. Fui destacada para esta... experiência, se é que lhe podemos chamar assim, e agora temos que discutir os pormenores, não é? – perguntou Hawiya com um suspiro.

– Vamos chamar-lhe “projeto” – respondeu Zoun com um sorriso. – Não gosto muito de considerar isto uma experiência. É compreensível que tenhas ficado bastante alarmada no outro dia, na reunião com todo aquele peixe graúdo, mas estou otimista. Embora seja um procedimento completamente novo, pelo menos na história recente, temos todos os meios necessários para concretizar este “projeto” com sucesso. Vamos substituir o teu útero, que está atrofiado como o de todas nós e implantar um semiartificial, modelado a partir de uma reconstrução de como o órgão original das fêmeas homínídeas deve ter sido. Ou melhor, do que *nosso* útero original deve ter sido, quando ainda eramos homínídeas, juntamente com todos os outros aparelhos acessórios que permitam que o teu corpo nutra a criatura que vais carregar dentro de ti. Depois vamos proceder à tua fecundação. Perto do final da sua existência, os homínídeos masculinos mostraram um vislumbre tardio de vontade de evitar que a sua espécie fosse completamente destruída e conseguiram pelo menos construir equipamento que permitia preservar o sémen e mantê-lo vivo indefinidamente, e depositaram algumas amostras no Depósito Global de Espécies Vivas.

– Mas eu poderei... quer dizer, posso ser... – balbuciou Hawiya, tentando encontrar as palavras.

– ... fecundada? – sugeriu Zoun.

– Sim, fecundada. O nosso corpo já não está equipado para a reprodução, pois não? – perguntou Hawiya com ceticismo.

– Hawiya, tu sabes para que serve a menstruação? – perguntou Zoun.

– Não serve para nada. São dejetos produzidos pelo nosso metabolismo, como a urina e as fezes, só que eliminados com uma frequência diferente – respondeu Hawiya.

– Não é bem isso – explicou Zoun. – Em certo sentido, podes dizer que são dejetos, mas a menstruação está relacionada com a nossa fertilidade. Tu e eu, tal como todas as outras, ainda possuímos ovários perfeitamente funcionais, que produzem regularmente óvulos. Estes estão prontos para ser

fecundados e dar vida a um embrião que em seguida cresce até tornar-se um ser humano. Pelo menos presumimos que é o que ainda acontece, embora já não suceda há tempos imemoriais. A menstruação não é um subproduto do nosso metabolismo alimentar mas do nosso ciclo de fertilidade.

– Mesmo se for assim, como sabemos que ainda somos férteis depois de tantos ciclos solares? – perguntou Hawiya.

– Na verdade, não sabemos – admitiu Zoun. – Só podemos descobrir se tentarmos. Mas pensa nisto: embora geralmente tenha sido considerada um enorme estorvo, esta capacidade permaneceu intata durante todo este tempo. Porque desde há milhares e milhares de ciclos solares que continuamos paciente e pontualmente a produzir, a cada vinte e oito dias, ovos que nunca foram fecundados. Se isso nunca cessou...

– ... foi porque, no fundo, sabíamos que mais cedo ou mais tarde haveria necessidade deles! – concluiu Hawiya, a voz cheia de esperança. – E agora chegou o momento.

– É o que parece – confirmou Zoun. – Pelo menos é isso que esperamos.

– E quanto tempo demoraremos a saber se resulta? – perguntou Hawiya, novamente cheia de dúvidas.

– Não se sabe ao certo – respondeu Zoun. – Amanhã de manhã vais dar entrada na clínica, vamos manter-te numa dieta controlada durante alguns dias e avançar depois com a implantação dos órgãos necessários. Nessa altura teremos de esperar alguns dias para que o teu corpo se ajuste e vamos monitorizar como reage. Não prevejo grandes dificuldades – afinal de contas, realizamos operações muito mais complexas –, porém, como se trata de um projeto tão delicado, teremos de garantir que os teus parâmetros estejam perfeitamente alinhados com os níveis pretendidos. Seja como for, pelos testes que te fizemos e pelos questionários que preenchestes esta manhã, descobrimos que ainda faltam dezassete ou dezoito dias para o teu próximo período fértil; se tudo correr de acordo com os planos, esse será o momento de avançar com a fecundação. Se não for bem-sucedida, tentaremos novamente no ciclo seguinte, vinte e oito dias depois.

– E se continuar a não resultar no ciclo seguinte? – perguntou Hawiya, alarmada.

– Por enquanto, sugiro que tentemos não pensar nessa eventualidade. De momento não temos muitas alternativas – respondeu Zoun. Então, suspirando, acrescentou: – Olha, Hawiya, se não quiseres, não és obrigada a fazer isto. É uma responsabilidade enorme e até podes...

– Mas *sou* obrigada a fazer isto. Também estiveste na reunião, se recusar, a alternativa será... – Hawiya calou-se, receosa só de mencionar a alternativa.

– Escuta, Hawiya – retomou Zoun, baixando ligeiramente a voz –, aqui entre nós, elas não têm elementos suficientes para condenar-te à pena máxima. Apanharam-te desprevenida e puseram-te à frente da Presidente para te fazer sentir indefesa, sozinha e desesperada. Na reunião sabiam perfeitamente que te tinham na mão e que concordarias com o que quer que fosse para te salvares. Mas, quando pensamos nisso, o teu “crime”, se é que podemos chamar-lhe assim, pode ser classificado no máximo como a difusão de notícias falsas ou distorcidas, embora para poucas pessoas e dificilmente representando uma ameaça para a ordem pública. Agora de maneira nenhuma crime contra a humanidade! No máximo podias ser condenada a uma restrição muito ligeira das tuas atividades, nada mais do que isso. Convém-lhes levar-te ao desespero, mas *elas* estão muito mais desesperadas do que tu. Estão a braços com uma crise que pode ameaçar a própria existência da humanidade, e todas as outras soluções que tentaram falharam.

– Estás a dizer que... sou sua última esperança de salvação da humanidade? – perguntou Hawiya com os olhos fechados.

– Talvez não apenas tu – respondeu Zoun –, mas *esta* parece ser a única solução que nos resta, pelo menos até conseguirmos descobrir as causas da impermanência, assumindo que vamos realmente conseguir fazê-lo. Se não resultar contigo, será preciso encontrar novas “voluntárias”, genuínas ou à força. Em qualquer caso, por enquanto este é o único caminho que podemos seguir. E podes ter a certeza de que já foram tentados outros. Esta crise arrasta-se há várias centenas de dias.

– A sério? – perguntou Hawiya, surpreendida. – Então porque é que só soubemos há cerca de vinte dias?

– Só recentemente é que aconteceu na tua zona – explicou Zoun. – Mas noutras partes do mundo já tem acontecido há algum tempo, sem um padrão espaciotemporal preciso e, como deves compreender, os noticiários mantiveram-se em silêncio acerca disso, compreensivelmente, para não espalhar o pânico entre a população. Além de que, em geral, aquelas que são testemunhas ou que têm conhecimento de um caso de impermanência tendem a falar muito pouco acerca dele, e é por isso que as notícias não se espalham. Cinco ou seis pessoas podem deixar de funcionar durante vinte dias num raio de cem quilómetros e depois nada acontece durante uns tempos. Depois acontece o mesmo noutra sítio, e assim por diante. É sempre o mesmo: todos os dados desaparecem do cérebro, da cópia doméstica e das cópias provinciais e mundiais. Os dados não podem ser restaurados. Não sabemos quais são as causas nem se ou como se dissemina ou é contraído. Não sabemos se é um vírus ou uma bactéria, ou outro microrganismo. Não deixa quaisquer vestígios e não foi encontrada uma “cura”, se é que podemos empregar tal termo.

– E as outras soluções de que falaste? Não funcionaram? – perguntou Hawiya.

– Houve outras propostas, é verdade – confirmou Zoun após um momento de hesitação. – A

primeira possibilidade discutida foi a clonagem. Esta opção resume-se a criar uma cópia de uma pessoa existente, escolhida não se sabe bem com base em que critérios, para substituir a pessoa que deixou de viver. Mas isso implica uma série de questões sensíveis de natureza prática e mesmo ética. Por exemplo, temos a certeza de que o clone ficaria completamente dissociado do original? Além disso, quem poderia aceitar saber que existe uma cópia de si própria do outro lado do mundo? E como escolhemos quem clonar? Demasiadas dúvidas e, no fim, a proposta foi sempre rejeitada por maioria absoluta no Conselho Mundial.

– Talvez isso possa ficar reservado para último recurso, se tudo o resto falhar – disse Hawiya, pensativa.

– Sim, talvez – afirmou Zoun. Mas quando se pensa nisso, seria ainda pior como solução de emergência. Significaria recorrer à clonagem com a população ainda mais reduzida. O número de clones necessários seria considerável e a probabilidade de nos depararmos com a nossa clone ou de encontrá-la intencionalmente, se alguém se dispusesse a isso, seria proporcionalmente maior.

– Sim, e se soubesses que havia uma cópia de ti, ou mesmo várias, seria improvável que não desejassem encontrá-las – acrescentou Hawiya.

– Por outras palavras, esta opção está fora de questão – prosseguiu Zoun. – Uma solução mais aceitável, e que já foi objeto de experiências, seria criar uma nova pessoa a partir do zero. No fundo, não há necessidade de criar cópias, basta modelar um padrão cerebral que não seja muito diferente da média da população, adicionar competências e características adequadas para permitir que a nova pessoa se adapte à sociedade e, se necessário, incluir fatores aleatórios para simular a individualidade dessa pessoa. Quanto à criação de uma nova mente, não é nada difícil e até já foi feito. E é ainda mais fácil para o corpo: apenas temos de montar as peças. Na verdade, podíamos ter utilizado os corpos das pessoas descobertas sem vida, mas preferimos criar corpos novos para evitar outras questões éticas e também para não perturbar aquelas com quem se dava anteriormente depois de a pessoa ter sido reintegrada com uma nova mente criada a partir do zero.

– Mas não funcionou. Ou eu não estaria aqui – concluiu Hawiya com um suspiro.

– Precisamente – confirmou Zoun –, as novas pessoas eram perfeitas, os seus sinais vitais estavam em ordem, mas as suas mentes funcionavam passivamente e não demonstravam nenhuma iniciativa. Permaneciam imóveis, não fazendo nada além de receber estímulos externos e formular pensamentos como “ordenaram-me que me levantasse” ou “aplicaram-me um eletrodo no dedo” e coisas desse género. Mas não se moviam nem demonstravam qualquer desejo de interagir ou de comunicar. Foi exasperante! A experiência acabou por ser abandonada.

– E que aconteceu a essas... pessoas? – perguntou Hawiya, horrorizada, imaginando o pior.

– Não foram liquidadas, se é nisso que estás a pensar – tranquilizou-a Zoun. – Mas talvez fosse melhor se tivessem sido. Abandoná-las àquela existência sem vida não faz muito sentido. Além disso, o insucesso desta experiência levou a que a opção da clonagem fosse algo repensada. Se é assim que são as novas pessoas, como podemos ter a certeza de que os clones não sofrerão o mesmo destino? Imagina uma pessoa igual a ti numa sala algures, eternamente imóvel...

– Para, para! – cortou bruscamente Hawiya, mas depois apercebeu-se de que aquele tom tinha sido grosseiro. – Desculpa, Zoun, é que...

– Sim, eu sei, Hawiya, não precisas de desculpar-te – tranquilizou-a Zoun. – Tantos estímulos e tantas novidades em tão pouco tempo: quem não estaria nervosa se estivesse no teu lugar? De qualquer forma, para encerrar o assunto das várias experiências, o principal é que todas falharam. Concluindo, só podemos seguir este caminho, o que significa que, para o Governo, é mesmo a última oportunidade e só te chantagearam porque temiam que pudesses descobrir o jogo delas. Precisam muito mais de ti do que estão dispostas a admitir.

– Mas porquê logo eu? – foi a pergunta óbvia de Hawiya.

– Em primeiro lugar porque, para os objetivos delas, tu estás realmente exposta à chantagem – respondeu Zoun. – E depois por causa do que recolheram das tuas conversas, sobretudo com Ezrat, para este projeto preferiam alguém que se conseguisse identificar-se até certo ponto com uma homínídea, pois essa pessoa terá de carregar uma no ventre. Mas, como eu dizia, não podem obrigar-te a fazê-lo e as ameaças delas são descaradamente infundadas. Podes simplesmente recusar e safar-te com uma pena leve.

– Admito que estou bastante assustada, mas... não sei, sinto que *devia* mesmo fazer isto – respondeu hesitantemente Hawiya.

– Sabes – disse Zoun com um sorriso –, estou um pouco invejosa. Até cheguei a pensar voluntariar-me no teu lugar, mas elas certamente não aceitariam. Foi-me pedido para gerir o projeto e esse género de ordens não está aberto a discussão. Talvez ponha o meu nome na lista de espera para a próxima vez.

– Essa é boa! – disse Hawiya em tom divertido. – Enquanto isso eu ando a brincar às cobaias, não é?

– Considera-te uma pioneira – respondeu Zoun, rindo-se. – Pode ser o teu passaporte para a fama!

– Claro, conhecida como aquela que trouxe os hominídeos de volta à vida, olha que belo serviço à humanidade – prosseguiu alegremente Hawiya, que depois acrescentou, mais séria: – Mas, se a fecundação for bem-sucedida, que fazemos depois?

– Dos documentos deixados pelos hominídeos – explicou Zoun – calculamos que a gestação demorava aproximadamente entre duzentos e cinquenta e trezentos dias. Se o teu caso não se afastar muito desta média, quando o período acabar, a criatura nascerá, tal como todos os descendentes dos mamíferos. Alternativamente, podemos considerar uma pequena operação para te extrair a criatura do corpo. Nada mais do que uma simples incisão, um procedimento de rotina como quando nos mudam o fígado.

– E durante todo esse tempo... – começou Hawiya a dizer com ceticismo.

– ... permanecerás no centro hospitalar, numa enfermaria especial inteiramente dedicada ao projeto – prosseguiu Zoun. – Só poderás sair de lá na companhia de uma enfermeira e com a minha autorização na qualidade de responsável pelo projeto. Quanto a nós, faremos tudo o que pudermos para tornar a tua estadia o mais agradável possível, ou pelo menos não muito aborrecida.

– Vou poder receber visitas? – perguntou Hawiya depois de pensar um pouco.

– Talvez, mas não fiques muito esperançada – respondeu Zoun. – Podes ter a certeza de que qualquer visita terá de ser aprovada pela Segurança, que não estará propriamente muito interessada em autorizar contatos com o exterior. É mais provável que a tua única companhia seja a equipa médica, as enfermeiras e eu própria.

– Estou a ver. Espero não me tornar um estorvo para todas! – retorquiu Hawiya com um suspiro.

– Não digas disparates, vai correr tudo bem – exclamou Zoun. – Mas não precisas de aceitar imediatamente. Porque não pensas nisto durante um ou dois dias? No que diz respeito à organização do projeto, não haverá diferença se começarmos depois de amanhã ou no dia seguinte.

– Não preciso de pensar – afirmou Hawiya. – Vamos a isto.

Estava a chover torrencialmente. Os poucos veículos fechados movimentavam-se cautelosamente pelas faixas do centro hospitalar, e os jardins estavam cobertos de folhas amarelas caídas. A capital mundial situava-se na zona climática temperada-fria do hemisfério norte, onde o outono chegava cedo e se alongava.

Hawiya estava sentada na sua poltrona preferida, no quarto acessível às enfermeiras, ao lado da grande porta envidraçada que se abria para o pequeno terraço. A barriga em crescimento já lhe dificultava consideravelmente os movimentos e tinha-se habituado a passar os dias a ler ou simplesmente a descansar. Tinha-lhe sido dado um apartamento com todas as comodidades e todos os livros que queria, e até tinha um pequeno ginásio para manter-se em forma, assim como uma piscina só para si. Também tinha a sua própria zona completamente privada, com um segundo quarto para quando desejava estar sozinha. Mas já não a utilizava. Sentia-se mais tranquila ali, na zona aberta dia e noite às enfermeiras, que passavam de vez em quando para verificar se estava tudo a correr bem ou apenas para conversar um pouco.

Hawiya pensou nos longos dias que ali passara: aquele sítio tornara-se todo o seu mundo. A inseminação teve sucesso à segunda e a criança cresceu dentro dela, como era esperado e desejado. Recordou a primavera, complicada por uma sensação recorrente de mal-estar e náuseas; o verão glorioso, quando, com o bebé a crescer, se permitira longas caminhadas no exterior do centro hospitalar. O seu tempo assumira uma dimensão inteiramente diferente, um fluxo de agradável tranquilidade em sintonia com o ritmo da nova vida que se movia dentro dela.

Os duzentos e cinquenta dias tinham acabado de passar e aproximava-se a data prevista para o parto. Mas, acima de tudo, Hawiya sentia que o momento se avizinhava. Como correria? De acordo com Zoun, tudo corria maravilhosamente bem e o resto da equipa médica também estava otimista, mas até ao momento de...

– Hawiya? Como estás? Está aqui a Tenente Ezrat-KQ – anunciou uma enfermeira, enfiando a cabeça pela porta aberta.

– Obrigada, Ishearr, Ezrat que entre – respondeu Hawiya, desviando os olhos da janela.

– Bom dia, Hawiya, querias falar comigo? E como é que tens passado? – perguntou Ezrat assim que entrou.

– Poupa-me as delicadezas, Ezrat. Senta-te – respondeu Hawiya. – Se quisesse saber como eu estava, porque é que não vieste visitar-me? Afinal de contas, tu és o meu contato oficial.

– Sabes perfeitamente que podias ter-me chamado a qualquer momento – afirmou Ezrat, sentando-se. – Tu é que optaste por não o fazer. Foi-me ordenado que não interferisse ou tomasse quaisquer iniciativas a teu respeito, incluindo visitas espontâneas.

– Como estão as coisas lá fora? – perguntou Hawiya para mudar de assunto. – Descobriram o vírus da impermanência, se é que é um vírus?

– Não soubeste? – perguntou Ezrat.

– Não, até agora tenho preferido manter-me completamente isolada. Nem sequer vejo os noticiários – respondeu Hawiya. – Decidi seguir o conselho da Zoun. Nem a ela tenho pedido que me diga o que se passa no mundo. Prefiro manter-me tranquila e este é o sítio ideal para isso. São todas muito simpáticas e não tenho que preocupar-me com nada. É o meu micromundo.

– Bem, para responder à tua pergunta sobre o macromundo lá fora – prosseguiu Ezrat – não, não descobrimos a causa da impermanência nem nenhum tratamento eficaz. Os casos continuam a manifestar-se de forma irregular e aleatória, sem aumentar nem diminuir de frequência. Isso é o que exaspera as investigadoras. Se fossem de origem infecciosa, os casos deveriam multiplicar-se, ou pelo menos disseminar-se de acordo com uma lógica territorial. Mas não é isso que acontece.

– Por falar em possíveis tratamentos, tu és só o meu contato? – perguntou Hawiya. – Ou há outras “voluntárias” como eu, destinadas a salvar a humanidade?

– Não estou autorizada a responder a esse género de perguntas – respondeu Ezrat, imperturbável. – Apenas posso transmitir informações que sejam do domínio público.

– O fato é que não acredito que seja a única – prosseguiu Hawiya. – Claro que, entre as minhas amigas, sou a única que sempre se interessou pela história antiga, tanto quanto sei. Mas como é possível que, tendo o mundo tantas habitantes, este assunto não interesse a mais a ninguém?

– Sabes muito bem que não é um assunto muito popular – acrescentou Ezrat após uma breve pausa.

– Talvez porque sempre o tenham censurado, não? – perguntou Hawiya, olhando-a fixamente.

– Bem, não é propriamente segredo de Estado, Hawiya – retorquiu Ezrat. – Muito pouca gente se interessa e o Governo prefere manter as coisas assim – ou preferia, até se terem dado os acontecimentos recentes. Tudo o que fez foi acompanhar a tendência da população de não debater o assunto. Se as

peças preferem filmes, atualidade, moda e essas coisas, o Governo acha bem. Se abrires regularmente no teu computador de casa páginas sobre, digamos, música ou arte, continuarás a receber links e anúncios sobre música e arte. Sempre foi assim.

– E se se consultarem muitas vezes páginas sobre história antiga? – perguntou Hawiya com um toque de sarcasmo.

– Receberás links e publicidade a filmes, atualidade e moda – respondeu Ezrat. – Tudo isto para desencorajar o acesso a dados e documentos que não sejam de confiança e que poderiam dar origem a ideias absurdas. É por isso que a nossa sociedade funciona na perfeição. E se estás a pensar em “manipulação”, então enganas-te. O Governo não impõe nem proíbe o acesso a qualquer informação e as bibliotecas e as bases de dados estão abertas a todas. Chamemos-lhe “educação”, no sentido de incentivar as pessoas a interessarem-se por questões inofensivas e possivelmente construtivas. Esse sempre foi o objetivo dos média, não é verdade? Portanto, todas vivem felizes. Não podes negar que funciona.

– Mas eu não fiquei desencorajada por aceder a informações que não são de todo “inofensivas”, para utilizar a tua designação – prosseguiu Hawiya. – Pelo contrário, podem até ter-me empurrado nessa direção, não é? A impermanência já se andava a manifestar há várias centenas de dias antes de me terem trazido para aqui. As bases deste projeto devem ter sido definidas com antecedência, portanto, tudo o que precisaram de fazer foi recolher informações sobre as pessoas que se interessavam pela história dos homínidos, aproveitar a sua presumida elegibilidade para o projeto, prendê-las sob falsas acusações de traição e chantageá-las para que se “voluntariassem”. Caso contrário, quem é que teria aceitado?

– Não estarás a ser demasiado egocêntrica? – perguntou Ezrat. – Não acreditas mesmo que mereceste uma atenção constante, pois não? O Governo não tem necessidade nem recursos para o género de vigilância que descreves. As análises automatizadas comuns de perfis individuais, feitas regularmente por razões demográficas e económicas, são suficientes para o efeito.

– E, no caso em questão, o meu perfil mostrou-se adequado ao projeto – acrescentou Hawiya. – Mas acredita, tenho plena consciência de que podia ter recusado e apanhado uma pena leve. Mas na verdade estou contente por ter aceitado. Acho que devia agradecer-te, não sei...

– Muito bem – disse Ezrat. – Fico contente por não estares rancorosa. Era sobre isto que querias falar comigo? Ou há mais alguma coisa?

– Não, não pedi que te chamassem por este motivo, na verdade há outra coisa – respondeu Hawiya, hesitando em seguida. – Gostava de receber uma visita. É possível?

– É possível, sob condições bastante rigorosas. Esperávamos este pedido, embora te seja franca:

surpreende-me que tenhas esperado tanto tempo.

– Quais são as condições? – perguntou Hawiya.

– Em princípio, tendo em conta a natureza confidencial do projeto, quem quer que aceite visitar-te terá de partilhar o teu destino – explicou Ezrat. – Se o projeto falhar, a tua disponibilidade para prestar um serviço tão importante ao Governo será à mesma reconhecida e apenas serás condenada a uma pena leve.

– Tretas! – cortou Hawiya. – A pena será leve porque não há motivos para aplicar uma mais pesada.

– Tens todo o direito de pensar isso, se quiseres, embora te garanta que o Governo sabe mostrar-se agradecido – prosseguiu Ezrat. – Em qualquer caso, a tua pena vai ser leve, provavelmente uma restrição das tuas atividades, como a que está prevista para crimes de baixa a média gravidade. Então, se o projeto não for bem-sucedido, quem decidir entrar neste centro e visitar-te será automaticamente sujeita a uma pena equivalente à tua. Vamos transmitir-lhe o teu pedido e informá-la sobre estas condições. Dependerá de ela aceitar ou recusar. Fui clara?

– Perfeitamente – respondeu Hawiya. – E se o projeto for bem-sucedido?

– Se for, o Governo terá provavelmente interesse em divulgar as boas notícias, com a devida cautela, no momento certo e da maneira apropriada – informou Ezrat. – Nesse caso, provavelmente não será oportuno condenar-te. Poderias mesmo ser absolvida de todas as acusações, embora não possa garantir-te isso. O Governo decidirá quando tudo estiver concluído. É a Baxti, não é?

– Co... como? – perguntou Hawiya com um sobressalto.

– A pessoa que queres ver – prosseguiu Ezrat. – É a Baxti-LY, não é?

– Sim – confirmou Hawiya, baixando os olhos.

– Muito bem – comentou Ezrat. – Agora sabes quais são as condições. Quando tomares a tua decisão, informa-me.

– Já decidi – disse Hawiya. – Diz à Baxti que gostava que viesse visitar-me.

Alguns dias depois, Hawiya estava sentada na cama a observar Baxti, que estava de pé à frente do terraço. Aquela maluca tinha deixado tudo e apanhado o primeiro voo disponível. Nem sequer um dia se passara entre o pedido de Hawiya e a chegada de Baxti.

– Ainda não posso acreditar que decidiste vir – disse à amiga.

– E eu não posso acreditar que não possas acreditar, tonta – respondeu a amiga com irritação fingida. – Ainda me lembro do dia a seguir ao concerto. Passei em tua casa e não te encontrei, e também não atendeste as minhas chamadas. Depois do que aconteceu à Akshoyya fiquei preocupadíssima contigo! E depois passaram centenas de dias sem saber o que te aconteceu...

– Ontem, a Zoun falou das vossas conversas – prosseguiu Hawiya. – Até disse qualquer coisa acerca de uma possível colaboração?

– Sim, falámos disso quase por acaso – explicou Baxti. – Parece que a minha experiência na quantificação de microdesvios no campo gravitacional da Terra pode ser útil para aperfeiçoar alguns instrumentos eletrónicos utilizados na medicina. Há uns dias, a Zoun apresentou-me a uma das gestoras da divisão que trata desses assuntos, uma tal... não consigo lembrar-me, mas anotei. Conversámos a tarde toda e ela depois deixou-me uns documentos: manuais, especificações técnicas, relatórios de inspeções e outras coisas que estudei durante toda a manhã de ontem. Estou convencida de que uma parte da tecnologia que utilizamos na indústria podia ser aplicada para melhorar a precisão de certos dispositivos médicos. O equipamento deles é incrivelmente avançado, mas ainda há algum espaço para melhorias.

– Ainda vais acabar por vir morar para cá! – disse Hawiya com um sorriso.

– É verdade que debatemos alguns projetos fascinantes, mas como é possível viver neste sítio horrível? É bom, para ti, que sempre estiveste aqui dentro. Mas lá fora é tudo tão perfeito que quase parece falso. As pessoas não são nem demasiado simpáticas nem demasiado frias e continuo a não conseguir compreender como se conseguem divertir. Não há praticamente nenhum sítio para se conviver. E nem me fales nas lojas, há tão poucas! E vendem todas o mesmo. Parece que as únicas coisas que as pessoas usam nos pés por estas bandas são aquelas horríveis botas pelo tornozelo forradas a pele. Ontem à tarde quis fazer umas compras, mas foi impossível! Imagina calcorrear uma cidade deste tamanho e não encontrar um par decente de... Hawiya!!!! Que aconteceu?!?

Baxti calou-se e voltou-se ao ouvir um gemido: a amiga tinha fechado os olhos de repente e

aferrava-se aos lados do colchão com ambas as mãos.

– Acho que... – começou a dizer, mas então contraiu-se novamente enquanto Baxti continuava a olhar, petrificada. Hawiya acabou por retirar uma mão do colchão e alcançou o botão junto da mesa-de-cabeceira, mas as enfermeiras já tinham chegado, alertadas pelo grito de Baxti.

– Não te preocupes, Hawiya, está tudo pronto, há dias que esperávamos este momento – disse uma das enfermeiras. – Zoun está de serviço e chega daqui a dois minutos. Não podias estar em melhores mãos.

Através das pálpebras fechadas, sentiu as luzes a tremeluzir enquanto era transportada rapidamente pelo corredor e depois restou apenas a intensa brancura do bloco operatório.

\* \* \*

Um som agudo e penetrante devolveu-lhe repentinamente a lucidez. O quê... onde... já tinha acabado? Hawiya já não sentia a criatura dentro dela... devia significar que já tudo tinha terminado... sentia-se zozna, a cabeça inclinada de lado na almofada encharcada em suor. Uma enfermeira mexia em algo que lhe tinham prendido ao braço, enquanto Baxti, sentada a um canto, estava lavada em lágrimas. Mas porque é que...

Outra vez aquele ruído! Ouviu um grito incrivelmente agudo algures à sua frente, de um sítio que não conseguia ver, para lá da cortina que lhe ocultava a parte mais baixa do corpo e o pessoal médico ali presente. Outro grito ressoou vindo da mesma direção. Mas Hawiya apenas conseguia ver Zoun a observar algo e... estaria a sorrir por detrás da máscara?

– Que... Que aconte... – tentou perguntar.

– Hawiya! – disse Zoun, virando-se para ela. Sim, estava mesmo a sorrir! – Correu tudo na perfeição. A criatura está viva e é maravilhosa! Acabas de ser...

– Mostra-ma – disse com voz desmaiada.

Enquanto isso, as enfermeiras tinham acabado de lavar o ser e colocaram-no numa espécie de almofada, envolta numa manta minúscula. A criatura, que se acalmou um pouco e parou de gritar tão alto, continuava a emitir sons estranhos e a mover-se devagar. A enfermeira aproximou-se, endireitou cuidadosamente a cabeceira da cama e pôs-lhe a criatura no colo.

Hawiya observou-a cuidadosamente. Que engraçada, realmente parecia um ser humano em miniatura, com aquelas madeixas esparsas na cabeça e aquela boca desdentada a fazer caretas estranhas.

Hawiya começou a levantar a manta e observou os braços, o tronco...

– Ela é realmente maravilhosa... um novo ser humano... temos de dar-lhe um nome... que nome havemos de escolher para ela? – disse Hawiya a custo.

– Que nome havemos de escolher para *ele*, queres tu dizer – respondeu Zoun com um sorriso cada vez mais radiante.

Sim, não havia dúvida: era um menino lindo.

FIM

(ou um novo começo?)